

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

AILTON JOSÉ DO AMARAL

AL NAKBA النكبة – O GRANDE DESASTRE-
Uma saga de sobrevivência e influência, que os leva a São Paulo.
(1950-1980)

Mestrado em História

São Paulo,
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

AILTON JOSÉ DO AMARAL

AL NAKBA النكبة – O GRANDE DESASTRE-
Uma saga de sobrevivência e influência, que os leva a São Paulo.
(1950-1980)

Dissertação apresentada á
Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título
de Mestre em História Social,
sob orientação da Prof. Dra.
Yvone Dias Avelino.

São Paulo,
2013

Banca Examinadora

Profa. Dra. Yvone Dias Avelino (Presidente)

Prof. Dr. Fernando Torres Londoño (PUC-SP)

Prof. Dr. Edgar Gomes Silva (PUC-SP)

AGRADECIMENTOS

Existem muitas pessoas, que sem a sua paciência, boa vontade e até mesmo um grande senso de ajuda e amizade, este trabalho não tomaria forma.

A Professora Doutora Yvone Dias Avelino, que com sua paciência e meiguice maternal, não só me orientou, como me estimulou em diversos períodos onde, devido às dificuldades encontradas, cheguei a ficar em dúvidas sobre a qualidade deste trabalho.

Aos professores do Programa de História da PUC, por tudo que com eles aprendi. Com sua generosidade e disponibilidade para a resolução de todas as minhas dúvidas.

Á Betinha, secretária do Programa de História da PUC, pelo excelente atendimento nas horas de dúvidas administrativas.

A Victor Stockunas, que, além de me apresentar às fontes, me levou de carro para os locais de entrevista, e me ajudou também sendo um depoente.

Ao Seu Abdul, que além de fonte principal, se transformou em um grande amigo. Á sua esposa Aparecida, uma pessoa maravilhosa, que me trouxe uma grande ajuda.

Aos meus colegas de mestrado, cujas trocas de experiência foram muito úteis.

À CAPES, que viabilizou este trabalho, concedendo-me uma bolsa. Sem ela não haveria condições de terminar.

Á minha família, que aceitou a redução do padrão de vida para que eu tivesse tempo para me dedicar à pesquisa.

Ao colega Henry Nakashima, que me ajudou muito indicando fontes.

Á Norma, Marianna e Ludmilla. Luzes da minha vida.

O futuro da humanidade dependerá,
em ampla medida, do êxito ou do
fracasso coletivo em lidar com a
coexistência entre as diferenças.

(Peter Demant)

AL NAKBA النكبة – O GRANDE DESASTRE-
Uma saga de sobrevivência e influência, que os leva a São Paulo.
(1950-1980)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, estudar a imigração Palestina para a cidade de São Paulo. Analisaremos a trajetória daqueles que, para escapar dos sofrimentos impostos pela ocupação de seu então território, até a decisão de emigrar para outro país, cuja escolha foi Brasil, especificamente São Paulo e sua sobrevivência em nossa cidade. Trata-se na realidade de trazer a imigração através de um estudo de caso: A Saga de “Seu Abdul”. Embora este trabalho contenha imagens, as mesmas têm apenas propósito ilustrativo.

Palavras chave: Israel, palestinos, São Paulo, sobrevivência, adaptação, influência.

Ailton José do Amaral

AL NAKBA النكبة – O GRANDE DESASTRE-
Uma saga de sobrevivência e influência, que os leva a São Paulo.
(1950-1980)

ABSTRACT

This work aims to study the Palestinian immigration to the city of São Paulo. We will look at the history of those who, to escape the hardships imposed by the occupation of their territory, until then the decision to emigrate to another country, whose choice was Brazil, specifically São Paulo and its survival in our city. It is in fact to bring immigration through a case study: the Saga of "Seu Abdul". Although this work contains images, these have only illustrative purpose.

Key Words: Israel, Palestinian, São Paulo, survival, adaptation, influence.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Oriente médio - Fonte https://maps.google.com.br/ acesso em 11/02/2013	11
Figura 2: Vie photographique de l'Orient [Árabs, Oriente Médio século XIX: usos e costumes]. Fonte: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. <i>Brasil 500 anos de Povoamento</i> . Rio de Janeiro: IBGE, 2000, 232 p. p 183. Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.	12
Figura 3: Otman, ou Osman, ou Uthman I retratado em miniatura otomana (Museu do Palácio Topkapi, Istanbul).....	24
Figura 4 - Os limites do império Turco Otomano em 1914	25
Figura 5: Thomas Edward Lawrence.	27
Figura 6 - O Acordo Sykes-Picot.....	29
Figura 7: Mustafá Kemal Atatürk.....	30
Figura 8: David Ben Gurion	32
Figura 9: Localização do Estado Judaico e territórios palestinos.....	33
Figura 10: Capa do passaporte do seu Abdul, principal fonte oral desta dissertação. Vê-se menção dos mandatários pelo nome do país “Reino Hashemita da Jordânia”..	34
Figura 11 - Reinos Hachemitas após a Revolta Árabe (adaptado de Albert Hourani) Fonte: : VISACRO, A.: <i>Lawrence da Arábia</i> , São Paulo, Contexto, 2010. P. 111	35
Figura 12: General Moshe Dayan.....	37
Figura 13: Israel-Palestina: A Guerra dos Seis dias (junho 1967 e suas seqüelas.....	39
Figura 14: Mubarak (à esquerda) e Sadat, durante comemoração.	40
Figura 15: Isaac Rabin, Bill Clinton e Yasser Arafat durante os Acordos de Oslo.	41
Figura 16: Ygal Amir	42
Figura 17: Abdel Kader al-Husseini (1908-1948)	49
Figura 18 - O Mufti de Jerusalém Hadjdj Amin al Husaini em reunião com Hitler	51
Figura 19: Irmão do Seu Abdul com uniforme do exército Jordânico, exercendo serviço militar obrigatório.	52
Figura 20: Mudanças ocorridas na região de 1946 a 1999. A área em verde são os territórios palestinos.....	55
Figura 21 - Movimentos de migração: as diásporas muçulmanas no mundo	57
Figura 22: Vista Ampliada Israel e Oriente Médio.....	59

Figura 23: Ampliação do mesmo mapa, mostrando a Cisjordânia (pontilhado) e as principais cidades.....	59
Figura 24: Ampliação do mesmo mapa com a cidade natal (Seta vermelha) e Jerusalém (seta Azul) Fonte: Googlemaps	60
Figura 25: Al-Mazra'a al-Sharqiya - الشرقىة المزرعه : Vista do lado sul.	60
Figura 26: Seu Abdul, por ocasião de sua chegada ao Brasil	61
Figura 27: Seu Abdul aos 85 anos e sua esposa Aparecida.	65
Figura 28: Inferno na Faixa de gaza.	84
Figura 29: "O Arquipélago da Palestina"	85
Figura 30: Comparação entre o muro de Berlim e o da Palestina.	88
Figura 31: Povoado palestino de Nahhalin à sudoeste de Belém em primeiro plano, com o assentamento Judaico de Beitar ao fundo. O muro que separa (2007).	91
Figura 32: Avanço do islamismo no mundo – 2006.....	92
Figura 33: Adesivo distribuído pela CUT em apoio á criação do Estado palestino.	93

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I – UM OLHAR ATENTO	21
1. Contextualização historiográfica e geográfica.	21
2. Quadro Resumo	43
3. Quem é o palestino ?	44
CAPÍTULO II - SÃO PAULO – A CIDADE DA SOBREVIVÊNCIA	58
1. Profissão – Sobrevivência em uma terra estranha.	65
CAPÍTULO III – COMUNIDADE, FAMÍLIA, RELIGIOSIDADE	71
1. Comunidade	71
2. Relacionamento com a comunidade em São Paulo	72
3. Relacionamento com o judaísmo em São Paulo.....	73
4. Religiosidade.....	74
5. Família.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
FONTES E BIBLIOGRAFIA	94
1. Fontes.....	94
2. Bibliografia	94
ANEXO A – Primeira página do Estado de São Paulo no dia da chegada do Seu Abdul.	99
ANEXO B Diário Oficial do Estado de São Paulo no dia da chegada do Seu Abdul.	100
ANEXO C Anúncio extraído do jornal Timoneiro de Abril de 1968.....	101
ANEXO D Autorizações das Entrevistas	102



Figura 1 - Oriente médio - Fonte <https://maps.google.com.br/> acesso em 11/02/2013

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está dirigido ao passado, onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e os dispersa aos nossos pés.” ¹



Figura 2: Vie photographique de l'Orient [Árabes, Oriente Médio século XIX: usos e costumes]. Fonte: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, 232 p. p 183. Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.

O conflito do Oriente Médio é um dos mais antigos do planeta, embora localizado regionalmente, influenciou e continua influenciando o mundo inteiro. Isto se dá, em parte pelas atividades chamadas “terroristas”² por parte dos palestinos e de não palestinos lutando em seu nome, principalmente nas décadas de 70/80, quando aconteceram sequestros de aviões e atentados de diversos tipos. Este ódio se alastrou de forma tão sem razão, os motivos foram

¹ BENJAMIN, W. *Magia e técnica, a arte da política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.p 228

² A razão da palavra Terrorismo ser colocada entre aspas, é porquê vai ser problematizada no decorrer deste trabalho.

de tal forma distorcidos, que umas das graves consequências, foi o atentado de 11 de Setembro de 2001, quando os palestinos ficaram fora do contexto, extrapolando para um conflito entre os árabes e o “Grande Satã”³.

“Nos últimos 15 anos, dezenas de livros têm sido publicados em inglês, francês e alemão sobre o mundo muçulmano e seu complexo relacionamento com o ocidente. Desde os atentados terroristas contra as torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, o que antes era um rio se transformou em cachoeira. No entanto, até aqui, infelizmente pouco ou quase nada de relevante se publicou em português sobre o tema.”⁴

Estes acontecimentos foram largamente difundidos na imprensa mundial de forma unilateral, pois um dos lados, detendo o poder econômico, fez a balança da opinião pública mundial pesar para o seu lado.

Sempre tive paixão por história desde a infância, nascido e criado entre conflitos religiosos, com mãe de origem judaica e pai de origem católica, optando, ambos, tempos depois, seguirem a vertente do Espiritismo. Esta diversidade de crenças, na qual fui criado, fez com que o questionamento seja parte de meu caráter. As diversas religiões, noções de Deus, da origem da criação, sempre suscitaram questões de ordem prática, pois nunca fui crente em nenhuma religião, mas a origem de tudo sempre me deixava bastante curioso.

Em 1998, por razões profissionais que não tinham nenhuma relação com História ou o tema em questão, fui transferido para a região da Palestina para atuar como funcionário de uma grande empresa israelense de informática sediada em Tel Aviv. Embora gostasse muito de história, assuntos bíblicos e religiosos, nunca passou pela minha cabeça iniciar uma aventura que ficou indelévelmente fixada em meu espírito, mesmo já tendo conhecido diversos países e praticamente todos os continentes, exceto os pólos.

Nesta ocasião, fui convidado a participar como auxiliar em algumas escavações arqueológicas, situadas em Jericó e arredores e, mais tarde, este

³ Referência utilizada pelos ativistas Árabes em geral aos Estados Unidos da América em diversos pronunciamentos na imprensa mundial.

⁴ DEMANT, P. *O Mundo muçulmano*. São Paulo, Contexto, 2004. P 13

convite foi estendido para que participasse de uma série de pesquisas em Tel-El-Amarna no Egito.

Este período deu-me oportunidade de ter um contato muito estreito com os palestinos que vivem na região e de certa forma, viver seus problemas, seu cotidiano, sonhos, medos e ilusões. Infelizmente, nesta época não gravei as conversas mantidas, pois não tinha idéia que um dia iria fazer um trabalho a respeito.

O Brasileiro, como todos os povos do mundo, também está sujeito diariamente á influência da mídia. Dada a sua natureza imediatista, esta mídia sempre explicou o conflito de forma rápida, fazendo com que se obtenha apenas um entendimento parcial do Oriente Médio. Este pouco entendimento por parte dos brasileiros influi na situação vivida pelos imigrantes do Oriente médio no Brasil, onde todo árabe é chamado de Turco. Comecei a prestar atenção neste equívoco, quando tinha uns 13 anos e ajudava meu pai em um armazém de secos e molhados de sua propriedade. Era comum naquela época (início da década de 70) e ainda hoje, a venda de produtos importados para a ceia de natal, nozes, avelãs, frutas secas e cristalizadas. Ao oferecer uma embalagem com figos secos oriundos da Síria para uma freguesa, participei do seguinte diálogo:

“- Os figos são de onde ? – perguntou a freguesa.
- Da Síria. - respondi
- Ah da Turquia.
- Não senhora da Síria.
- Menino, você não sabe que sírio turco é!!!??? – perguntou a freguesa indignada.”

Este é um dos vários exemplos da mistura feita pelo brasileiro, no que diz respeito ao povo Árabe. Quando iniciei as pesquisas para esta dissertação, constatei que não existe separação de nacionalidade também nos registros e documentos.

“Quando se pensa em muçulmanos, comete-se o equívoco de generalizá-los, de entendê-los como um grupo uniforme, estanque. Ignora-se o dinamismo social, o fato de que, apesar de a religião ser a mesma, cada país, local e região, propicia

características peculiares diversificando o modo de cumprir com os preceitos religiosos...”⁵

Para esta pesquisa, houve uma grande dificuldade no levantamento documental e de dados numéricos do imigrante palestino, pois não há a nacionalidade palestina. Embora recentemente seu status tenha sido modificado, não há, na prática, nenhuma influência em sua situação atual ⁶.

Esta região não chegou a ser um país independente desde a antiguidade. Invadida por diversos povos, em cada período que um dos povos dominava a região, o palestino assumia a nacionalidade daquele país. No início do século XX, os palestinos já foram turcos, posteriormente ingleses. Depois da ocupação israelense, a região da Cisjordânia passou a pertencer à Jordânia e a faixa de Gaza ao Egito, fazendo com que os palestinos que viviam na região da Cisjordânia fossem jordanianos e os habitantes da faixa de Gaza fossem egípcios até a Guerra dos Seis Dias em 1967, quando estas regiões foram invadidas por Israel que lhes negou a nacionalidade israelense. O território palestino hoje é denominado “Administração Palestina” que fica em uma “zona cinzenta” no que diz respeito à nacionalidade. Não é uma nação de palestinos e nem de cidadãos israelenses, agravando ainda com o fato de que durante a entrada dos Judeus neste território, muitos abandonaram as suas terras e emigraram para diversos países. Temos então imigrantes oriundos da região da Palestina, que chegaram via Síria, e nos registros consta a nacionalidade Síria, dentre outras como Líbano, Turquia, Iraque ou Egito. Isto também aliado à falta de documentação e literatura a respeito. Em termos numéricos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os inclui entre Sírios e Turcos.

Estas dificuldades levaram a me fundamentar na bibliografia e em depoimentos orais, cujo embasamento teórico está em Alessandro Portelli⁷, no

⁵ NAKASHIMA, H. A. Y. *Ad-Din N FI Qulub O Islam em São Paulo (1950-1980)* – Dissertação de Mestrado defendida na PUC SP, 2012. P. 16

⁶ A Assembleia Geral na ONU aprovou, em 29/11/2012, o pedido da Autoridade Nacional Palestina para se tornar um Estado observador não-membro. Foram 138 votos a favor, incluindo o do Brasil. Nove países votaram contra e 41 se abstiveram. Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/onu-aprova-pedido-da-palestina-para-se-tornar-estado-observador.html> acesso 11/02/2013

⁷ PORTELLI, A. *Ensaio de história oral.* [Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz. 2010.

entanto sofrendo influências de Antonio Torres Montenegro⁸, Marieta de Moraes Ferreira, Janaína Amado⁹, Suzana L. Salgado Ribeiro e José Carlos Sebe B. Mehy¹⁰. Muitos dos conceitos e entendimento de diáspora, foram baseados em Stuart Hall¹¹. Minha principal fonte oral é o sr. Abdul Aziz, um palestino que chegou ao Brasil em 1955, hoje residente no bairro da Vila Alpina na cidade de São Paulo.

Quando lidamos com oralidade, existe uma complexidade, pois as memórias são influenciadas pela vivência dos entrevistados. Outro fator para ser analisado é a idade avançada da fonte, 85 anos.

Existe uma bibliografia histórica do Oriente Médio, bastante extensa, com autores como Edward Said¹², Fabio Bacila Sahd¹³ Albert Hourani¹⁴, Peter Demant¹⁵ e outros¹⁶ não menos importantes para este trabalho. No entanto, há uma quase inexistência de fontes sobre os palestinos no Brasil. Levantei pesquisas no Arquivo do Estado, na Hospedaria do Imigrante e não encontrei nada significativo sobre os palestinos, portanto, tive que aprofundar minha reflexão em depoimentos orais, além de trabalhos acadêmicos, principalmente os trabalhos de especialistas, dentre eles, a professora Arlene Clemesha¹⁷ da Universidade de São Paulo (USP) e Sonia Hamid¹⁸ da Universidade de Brasília

⁸ MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória, a cultura popular revisitada*. São Paulo, Contexto, 2010

⁹ FERREIRA, M. de M., AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV 2006.

¹⁰ MEIHY, J. C. S., RIBEIRO, S. L. S. *Guia prático de história oral para empresas universidades comunidades famílias*. São Paulo, Contexto. 2011.

¹¹ HALL, S. *Da Diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

¹² SAID, E. W. (1978). *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

¹³ SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011.

¹⁴ HOURANI, A. H. *A History of the Arab people*: Warner Books; Reprint. edition, 1992.

¹⁵ DEMANT, P. *O Mundo muçulmano*. São Paulo, Contexto, 2004.

¹⁶ Um fato interessante sobre este autor é a sua história de emigração parecida com a história do seu Abdul.

¹⁷ CLEMESHA, A. E. 1 . *Uma educação para preservar a identidade*. Biblioteca Entre Livros, São Paulo, p. 36 - 41, 01 mar. 2006.

CLEMESHA, A. E. 2 . *Os últimos dos excluídos*. Caros Amigos, São Paulo, p. 14 - 15, 01 maio 2009.

CLEMESHA, A. E. 3 . *Arab Immigration in Brazil*. Aljazeera Studies, Doha, Catar, p. 1 - 10, 12 jan. 2010.

¹⁸ HAMID, S. C. *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc

(UnB). Embora existam fotos no decorrer da dissertação, as mesmas possuem apenas a função ilustrativa.

É muito difícil para todos nós, brasileiros, em uma análise rápida, tentar racionalizar o conflito palestinos x israelenses se inicia, sobretudo com menos de 2 anos para tratar em uma dissertação, de um assunto tão apaixonante e complexo. Todas as notícias que recebemos são divulgadas pelos meios de comunicação ocidentais. Segundo Fisk¹⁹, existe e sempre existiu uma tendência da imprensa mundial a se alinhar a interesses econômicos.

“Sempre foi difícil explicar a Árabes por que a imprensa ocidental, com poucas exceções, tem sido pró-Israelense de forma tão consistente nos editoriais, e frequentemente também nas reportagens. Para aqueles de nós que trabalham em Beirute, a incapacidade dos editores de jornais de ver o conflito no Oriente Médio como um conflito cruel e intransigente entre povos era ao mesmo tempo frustrante e exasperante. Vezes sem conta, repórteres de televisão e jornal descobriram que seus territórios centrais acreditavam que a disputa Árabe-israelense era uma batalha de Davi e Golias, entre o bem e o mal. Os Israelenses, naturalmente representavam o lado do bem. Os Árabes eram desonestos, indignos de confiança, capazes das crueldades mais bestiais.”²⁰

Analisando a situação conflituosa na região do Oriente Médio, temos os judeus que transformam em realidade o sonho milenar de voltar à Eretz Israel²¹, a terra prometida por Deus, um povo que foi expulso destas terras em eras remotas e acalentou durante milênios o sonho de retornar e, encontrando estranhos ocupando seu lugar.

Do outro lado, temos os palestinos, que se estabeleceram na região após o Êxodo e veem repentinamente estranhos chegando em sua propriedade legitimamente herdada dos antepassados, passada a gerações que deixaram seu suor na terra. Estes estranhos apontam uma arma, na cabeça da esposa e na cabeça dos filhos, exigindo imediato abandono de suas propriedades, alegando que seu Deus disse que esta terra seria deles, pois pertenciam ao povo escolhido. Os palestinos continuam insistindo durante os anos após 1948,

¹⁹ FISK, R. *Pobre nação: As guerras do Líbano século XX*, Tradução Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁰ FISK, R. *Pobre nação: As guerras do Líbano Século XX*, Tradução Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2007. P. 546

²¹ Terra de Israel em hebraico transliterado.

na tentativa de recuperar as terras perdidas nas cortes israelenses, porém, sem sucesso. Raja Shehadeh, um advogado palestino conta sua saga:

“Meu primeiro contato com a linguagem das colinas foi nas cortes de justiça, quando ainda jovem eu costumava acompanhar meu pai, que era um reconhecido perito nas leis da terra. Meu pai pegou muitos casos de disputas entre fazendeiros que possuíam um *Kawasheen* (títulos de propriedade) para terras não registradas nos quais os limites dos terrenos eram descritos nos termos das características físicas do local e na linguagem dos fazendeiros das colinas.... Anos depois quando as forças de ocupação israelenses se interessaram em reivindicar o território da Palestina para os assentamentos judeus e eu apelei às cortes israelenses contra as ordens de aquisição de terra, a ambiguidade destes documentos foi usada contra os fazendeiros de forma a contestar suas posses.”²²

Os palestinos são árabes, muçulmanos em sua maioria. Existem algumas minorias católicas²³, drusas²⁴ e bahai²⁵. Lembrando que Maomé era um comerciante que se transformou em um líder militar, o islamismo em seu início, se disseminou graças a vitórias militares.²⁶

Não é do interesse deste trabalho focar na religião. A complexidade do enfoque religioso aumenta tendo em vista as outras religiões professadas por minorias importantes, necessitando de um tempo bem maior que dois anos para pesquisa. No entanto, não há como deixar de usar a religião como meio para explicar algumas situações, consideradas importantes, principalmente o islamismo que é a religião da maioria.²⁷

Não se pretende problematizar a origem do conflito. Pretende-se analisar as motivações da emigração palestina, destinada à cidade de São Paulo, principalmente do ponto de vista da sobrevivência, do dia a dia da população e dos seus desdobramentos, sem assumir nenhum dos lados, mostrando uma visão do lado menos difundido pela imprensa mundial, por

²² SCHEHADEH, R. *Caminhos palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009 p. 24

²³ Ortodoxa Grega, Armênia, Romana, Copta.

²⁴ Existem muitos Drusos, cidadãos Israelenses, que, inclusive servem o exército de Israel. Assim mesmo são discriminados, segundo a opinião de palestinos em conversa com o autor.

²⁵ Religião monoteísta de origem persa, fundada em Acre, na Palestina, tendo como profeta principal um persa denominado BahaUllah, com membros no mundo inteiro inclusive no Brasil.

²⁶ Hoje em dia as alas mais fundamentalistas ainda simplesmente interpretam ao pé da letra, esta vertente mais guerreira do Alcorão, no intuito de influenciar os jovens, já revoltados pelo sofrimento de seus pais, para sacrificarem sua vida em uma luta pela liberdade contra um inimigo muitíssimo poderoso.

²⁷ Durante os trabalhos de pesquisa e entrevista com as fontes, constatou-se que as razões religiosas foram as que menos influenciaram o movimento de emigração.

meio de uma realidade histórica, sem preferências de uns ou de outros, através de seus personagens e fontes bibliográficas.

Neste trabalho, inicialmente, é descrita a situação no Oriente Médio que originou a emigração dos palestinos. Em seguida contextualiza o Brasil, especificamente na cidade de São Paulo. Analisa como nosso país foi influenciado e influencia este conflito, acompanhando a vida de um imigrante que chegou ao país na década de 50. Este trabalho não resolverá a falta de documentação que existe sobre os palestinos no Brasil, mas pretende contribuir para que haja mais pesquisas neste sentido.

Conforme veremos no decorrer do trabalho, em São Paulo não há uma comunidade que se diz somente Palestina, pois está misturada à comunidade árabe como um todo. Em outras regiões do Brasil temos comunidades mais unidas, inclusive casando-se entre si (endogâmica), como o caso de Brasília.²⁸

Existem grandes comunidades no Sul do Brasil, no entanto, o recorte deste trabalho é a cidade de São Paulo. O recorte temporal deste trabalho se situa entre 1950 e 1980, período das principais imigrações Árabes para o Brasil.

No primeiro capítulo, é realizado um resumo descritivo, com o objetivo de entender as origens do conflito, explicar as razões históricas e também entender a identidade do povo palestino, sem problematizar, apenas informar.

No segundo Capítulo, é analisada a saga de “Seu Abdul”, sua luta quando viveu na Palestina, suas aventuras na viagem para o Brasil, a sua motivação, problematizando a atual situação dos palestinos na região e sua adaptação ao Brasil.

No terceiro capítulo, são ressaltadas a adaptação, cotidiano, comunidade, dificuldades neste país a religiosidade a ser preservada e a conjuntura econômica, na cidade de São Paulo no momento de sua chegada, de acordo com a nossa baliza (1950-1980).

²⁸ HAMID, S. C. *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc. P 4.

Nas considerações finais são relatados desdobramentos da situação dos palestinos e do Seu Abdul nos dias de hoje, até a data da conclusão desta dissertação.

CAPÍTULO I – UM OLHAR ATENTO

“Meu país, meu país
Meu país, minha terra, terra de meus antepassados
Minha redenção, minha redenção
Minha redenção, meu povo, as pessoas da eternidade

Com a minha determinação, meu fogo e o vulcão da minha
vingança
Com a saudade no meu sangue para a minha terra e minha casa
Tenho escalado as montanhas e lutado nas guerras.
Eu venci o impossível e cruzei as fronteiras.

Com a determinação dos ventos e o fogo das armas
E a determinação de minha nação na terra de luta
Palestina é minha casa, a Palestina é meu fogo,
Palestina é a minha vingança e a terra de suportar

Pelo juramento sob a sombra da bandeira
Pela minha terra e da nação, e o fogo da dor
Eu viverei como uma redenção, vou continuar a ser um redentor,
Vou passar minha redenção - até meu a país retornar ”²⁹

1. Contextualização historiográfica e geográfica.

A história da Região da Palestina é *sui generis*. Única região que liga por terra 3 continentes, são eles África, Europa e Ásia. Objeto da ganância das nações que tinham objetivos expansionistas. Todos os grandes conquistadores estiveram nesta região, babilônicos, persas, hititas, egípcios, gregos, romanos, árabes de diversas origens, turcos e ingleses.³⁰

Em dois séculos após Maomé, o islamismo já havia se estabelecido em todo o Oriente Médio, o Norte da África, na Península Ibérica, na Índia e na Pérsia, passando pela a África Subsaariana, e indo até a região dos Balcãs.

Em 630 DC, as tropas de Maomé tomaram parte do golfo de Ákaba e o porto de Makna, indo até a localidade de Petra, derrotando Sergius, governador bizantino na Palestina. Sua marcha continuou rumo ao norte pelo rio Jordão,

²⁹ Hino da Palestina. (Tradução do Inglês pelo autor) “Também conhecido como o “Hino da Intifada” (ou “Hino da revolução palestina”) foi escrito por Said Al Muzayin (também conhecido como Fata Al Thawra (“O Menino Rebelde”)) na década de 1970, e sua música foi composta pelo egípcio Ali Ismael maestro. Apesar de ser o hino oficial nacional para uso nas áreas atualmente controladas pelo governo palestino, “Mawtini” é considerado um “hino não oficial da Palestina”. Fonte: http://www.worldstatesmen.org/Palestinian_National_Authority.htm. Acesso 02/10/2012.

³⁰ Vide quadro resumo dos conquistadores desta região, no sub ítem “2-Quadro resumo”.

invadindo Damasco em 635, depois tomando Homs e Hama, e por último a cidade de Alepo.³¹

Jerusalém, devido a sua fortificação, resistiu aos diversos cercos até 638. Sendo Cesaréia a última cidade bizantina tomada pelos árabes na região da Palestina. Um dos motivos deste sucesso foi a ajuda oferecida pelos judeus. Segundo MARGULIES³²: “Jerusalém caiu em 638, Cesárea em 640. Foram os judeus que, de dentro da cidade sitiada, facilitaram a vitória dos árabes”³³.

Após obterem o total controle de toda a região, os Árabes, para melhor administrá-las, dividiram as terras em dois distritos militares:

1 - A Palestina que abrangia todo o território da Judéia, mais o deserto de Neguev e o Jordão que fazia parte da atual Galiléia;

2 – Damasco, que corresponde atualmente ao Líbano e a Síria Meridional e Homs, que correspondia ao restante da Síria.

Quando as notícias das conquistas dos Árabes chegaram aos europeus, causaram grande apreensão, não só por se tratar de uma vitória religiosa, mas, também porque região corresponderia um importante ponto político e estratégico, pois é a única ligação terrestre entre três continentes; África, Europa e Ásia. Com o domínio muçulmano, os laços das cidades cristãs de Alexandria e Antioquia, importantes pontos de domínio europeu no Oriente Médio, foram cortados com Roma e Bizâncio e os laços entre Meca a Medina foram reforçados. Os inúmeros sucessores de Maomé, os Califas, passaram a disputar a soberania da região e em 656, explodiu a primeira guerra civil do Islã, com o apoio dos Mesopotâmios. Ali, primo de Maomé conseguiu a vitória.

Com tantos impasses políticos e territoriais, a população do império acabou sendo dividida em cinco grupos.

³¹ MARGULIES, M. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 50.

³² Durante as atividades de pesquisa, foram encontrados dois livros interessantes, o Primeiro, de Marcos Marguiles e o outro de Fausto Wolff editado em 1986. Acredito que ambos os autores não sejam academicamente reconhecidos, no entanto, achei que ambos os pontos de vista emprestariam uma visão Sui-Gêneris do tema, sem fugir da acuracidade acadêmica. Mesmo tendo 30 anos, estes livros continuam sendo atuais, sinal de que não houve nenhuma mudança significativa na situação do Oriente Médio.

³³ MARGULIES, M. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P 50

1 - O grupo dos conquistadores árabes e de seus descendentes. Era um grupo aristocrata que vivia nas cidades e governava as terras conquistadas.

2 - O grupo composto por pessoas que haviam se convertido ao Islã. Geralmente comerciantes que almejavam uma ascensão socioeconômica, e desta maneira se inseriam na cultura árabe.

3 - O grupo formado por pessoas das religiões judaica e a cristã. Eles eram tolerados, embora sofressem inúmeras restrições, e tratados como marginais, por não estarem inseridos nas leis islâmicas. Esses povos abrigavam a região que corresponde ao atual Egito, e com o tempo foram sendo islamizados, até serem completamente inseridos na cultura árabe.

“Religiosamente cristianizada, rebelaram-se várias vezes contra seu status, para sucumbirem definitivamente no início do século IX, quando foram islamizados e, depois arabizados. (Hoje menos de 15% da população egípcia mantém a religião cristã do rito copta)”³⁴

4 - O grupo formado por religiões com poucos seguidores, como os zoroastrianos e os politeístas, que rapidamente cederam as pressões dos árabes e converteram-se ao islamismo.

5 - Os turcos, que religiosamente eram muçulmanos, mas não tinham contato com a civilização islâmica, tomaram o controle de Jerusalém no ano de 1071. Os árabes então, não confiavam nos turcos e os expulsam para a Ásia Menor.

Nesta época, surgem os Cruzados, que partem para o Oriente Médio com o propósito de tomar a Terra Santa das mãos dos muçulmanos e aumentar as terras dos fidalgos europeus, que na época passavam por grande crise financeira. No ano de 1099, os cruzados atacariam Jerusalém, a Cidade Santa, massacrando os muçulmanos e toda a população local em uma carnificina sem precedentes, não poupando velhos, crianças e fazendo com que grandes fluxos de sangue corressem pelas sarjetas. Jerusalém fica sob o controle dos cristãos por cem anos, até que Saladino, unindo novamente os árabes, retoma o controle da cidade.

³⁴ MARGULIES, M. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979., P. 54

Surgem os Mamelucos no século XI. No século XIII, toda a região é devastada pelos Mongóis, povo proveniente das estepes da Mongólia. No final deste século, grandes transformações têm início.

Um líder turco de algumas tribos de nome Otman³⁵ ocupou algumas regiões da Ásia menor, estabelecendo o centro de seu poder na Anatólia. Ele atravessou o bósforo e tomou Constantinopla em 1453, bloqueando o acesso aos Europeus, marcando o fim da Idade Média, dando início à Era das Grandes Descobertas. Os turcos então, mantiveram o poder no Oriente Médio até a Primeira Guerra Mundial.



Figura 3: Otman, ou Osman, ou Uthman I retratado em miniatura otomana (Museu do Palácio Topkapi, Istanbul).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Osman_I

“Em 1453, ano que marcou o fim da idade média, os turcos conquistaram a cidade de Constantinopla, sede do império

³⁵ Daí a referência aos Turcos Otomanos.

bizantino e fizeram dela sua nova capital, rebatizando-a de Istambul. No século XVI, sob a liderança do sultão Suleiman, o Magnífico, o poder otomano atingiu o seu ápice. A expansão dos domínios turcos abarcou o norte da África (exceto o Marrocos), o litoral árabe do mar Vermelho, a Palestina, Síria, a Mesopotâmia, a Anatólia e os Balcãs. De acordo com o historiador Peter Demant, “o Império Otomano foi o último grande poder muçulmano (mas não árabe) a unificar o Oriente Médio, além de parte da Europa. Viveu três séculos de expansão, seguidos de estagnação e encolhimento...”³⁶

Em 1912, existia uma emigração da juventude palestina, principalmente para o Chile, para escapar do serviço militar imposto pelo governo otomano.

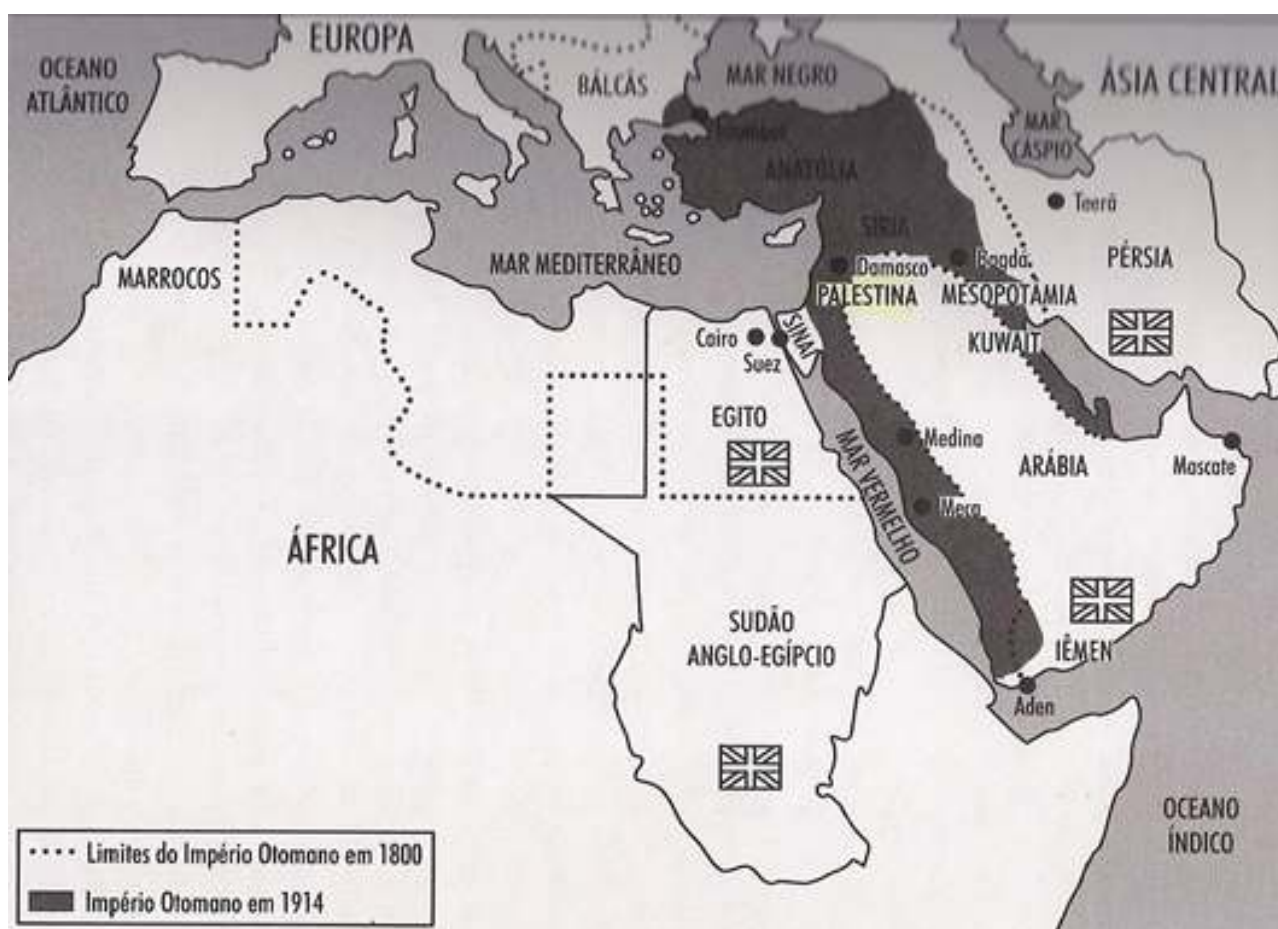


Figura 4 - Os limites do império turco otomano em 1914
 Fonte: VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010 P. 15

³⁶ VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010. P. 38

Por ocasião da primeira guerra mundial, os ingleses precisavam da ajuda dos árabes desta região, na luta contra os turcos, aliados dos Alemães. Nesta época, estas tribos viviam lutando entre si.³⁷ Foi realizado um trabalho de união destas tribos por Thomas Edward Lawrence, também conhecido por “Lawrence da Arábia”. As ações deste oficial inglês são discutidas por autores que acreditam que houve um tom sensacionalista, mas tais questões não pertencem ao escopo deste trabalho. No entanto, Lawrence foi bem sucedido em sua missão, unindo os árabes por um breve intervalo de tempo, o suficiente para atingir o propósito da Inglaterra.

“Thomas Edward Shaw era, na verdade um herói nacional: o lendário “Lawrence da Arábia”. Em 1927 adotou o novo sobrenome, pois, segundo declarara, tinha a intenção de manter-se longe da fama, discretamente protegido pelo anonimato. Tornara-se uma celebridade em fins de 1919, quando o jornalista norte-americano Lowell Thomas lançou um documentário sensacionalista, narrando a participação de Lawrence na campanha aliada no Oriente Médio durante a Primeira Guerra Mundial... ... Em 1926, divulgou seu relato pessoal da Guerra em Os Sete Pilares da Sabedoria... ...Em 1962, uma superprodução dirigida por David Lean, vencedora de 7 Oscars e 18 outros prêmios (incluindo quatro Globos de Ouro), deu novo vigor à lenda do “rei sem coroa da Arábia”, permitindo às novas gerações, em todo o planeta, conhecerem o emblemático personagem interpretado pelo ator Peter O’Toole”³⁸

³⁷ Conforme veremos no decorrer deste trabalho, a desunião dos árabes sempre foi a razão da maioria dos problemas do passado e do presente. Os poucos líderes que conseguiam uní-las, conseguiam importantes feitos, porém, por pouco tempo, pois a desunião logo tomava lugar.

³⁸ VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010. P. 10 e 11



Figura 5: Thomas Edward Lawrence.

Fonte: http://looklex.com/e.o/lawrence_t_e.htm. Acesso em 24/09/2012

Em 1918, a Turquia perdeu o controle da Palestina para os Ingleses, vitoriosos na guerra. Os turcos, então, se submeteram às sanções impostas aos derrotados. Os ingleses, no entanto se viram obrigados a cumprir a promessa feita aos árabes em troca de sua ajuda: criar uma nação árabe nesta região.

“No contexto da primeira guerra mundial, as potências aliadas prometeram por diversas vezes aos povos árabes, recém-libertos do jugo otomano em parte por suas próprias mãos, a independência e a soberania. Vários documentos oficiais demonstram este posicionamento político, destacando-se os “Quatorze Pontos” de Woodrow Wilson (Janeiro de 1918), o “Adendo aos Quatorze Pontos” (fevereiro de 1918), uma declaração do governo britânico a sete eminentes árabes (junho de 1918), um comunicado de Edmund Allembly a Emir Faissal (outubro de 1918) e a “Declaração conjunta da França e da Grã-Bretanha” (novembro de 1918). Assim a fim de legitimar a presença de interesses imperialistas anglo-franceses no Oriente Médio, dado que ações diretas de conquista já não poderiam ser tomadas sem macular a imagem dessas potências no cenário político internacional, veio a declaração do sistema de mandatos

para a região com o Tratado de Versalhes, ratificada na Conferência de San Remo em abril de 1920.”³⁹

Segundo VISACRO⁴⁰, foram realizadas negociações entre os vencedores no sentido de dividir os territórios palestinos conquistados da Turquia. Os árabes não foram convidados para a mesa de negociação. Embora tendo um papel importante no conflito, ainda dependiam de favores das potências vencedoras. No entanto, no esforço de ganhar a guerra, a Inglaterra assumiu também compromissos com os sionistas⁴¹. Toda a região foi dividida sem que os árabes sequer tenham sido chamados para dar opiniões. Além da declaração de Balfour, um outro acordo foi feito às escondidas em um quarto de hotel, chamado de Acordo Sykes-Picot.

“O primeiro desses compromissos foi assumido perante a França, principal aliada britânica contra a Alemanha. Entre o final de 1915 e o início de 1916, os secretários de Estado de ambos os países conduziram uma série de negociações sigilosas com vistas a definir a partilha territorial dos domínios otomanos após a guerra. Mark Sykes, da Inglaterra, e Georges Picot, da França, elaboraram um plano que previa a divisão do Oriente Médio, levando-se em conta, sobretudo, a primazia da avidez imperialista. Segundo o acordo Sikes-Picot, a baixa Mesopotâmia, incluindo as cidades de Basra e Bagdá, permaneceria sob a administração direta da Grã-Bretanha. O atual Líbano seria entregue aos franceses. A Palestina ficaria sujeita a uma administração internacional. Estados árabes seriam criados nas demais regiões, mas permaneceriam sob a influência do governo de Paris ou de Londres. Isto é, ambas as potências europeias, em suas respectivas “áreas de influência”, teriam prioridade de direito de empreendimento e exclusividade para oferecer assessores ou funcionários estrangeiros. Entretanto a Inglaterra também se comprometeu a atender às demandas nacionalistas árabes. Um ano antes da sublevação do Hejaz, Hussein e Sir Henry McMahon trocaram uma série de correspondências, definindo, ainda que de forma bastante imprecisa, os termos de cooperação entre as partes. ... Por fim, o governo de Sua Majestade, por intermédio de Sir Arthur James Balfour, secretário do exterior britânico, assumiu compromissos com o movimento nacionalista judaico, também chamado de

³⁹ SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011. P 77.

⁴⁰ VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010. P. 102

⁴¹ Adeptos do Sionismo. Movimento que preconiza o fim da Diáspora e a volta dos Judeus a Israel, tendo como principal mentor, Theodor Herz, que por volta de 1895, escreve "Der Judenstaat – Versuch Einer Modernen Lösung der Judenfrage" ("O Estado Judeu – Uma Solução Moderna para a Questão Judaica").

sionismo, cuja meta era criar um lar nacional para o povo judeu na Palestina. A famosa Declaração Balfour em novembro de 1917, dava aquiescência inglesa às aspirações sionistas.”⁴²



Figura 6 - O Acordo Sykes-Picot

Fonte: VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010. P. 103

A partir de 1922, houve então um período de ocidentalização da Turquia, cujo personagem importante é Kemal Atatürk.

“... os Aliados humilharam os turcos abertamente e permitiram que a Grécia invadisse parte do território da Turquia em uma tentativa malfadada de reconstruir o império Helênico a la

⁴² IDEM, Pag102 e 104.

Alexandre. Essa situação deu uma oportunidade ao único homem capaz de defender a causa nacionalista turca: general Mustafá Kemal, que havia derrotado os ingleses em Galípoli, mas que tinha sempre permanecido inimigo dos Jovens turcos pró-germânicos. Ele era do tipo mais moderado de nacionalista. Não usava bigode à Kaiser Wilhelm e tampouco havia massacrado civis armênios. O general Kemal reuniu-se com o sultão várias vezes entre novembro de 1918, quando os aliados ocuparam Constantinopla, e abril de 1919, dando apenas a impressão de ser um leal defensor do trono otomano. No dia 30 de abril de 1919, o general Kemal obteve uma nomeação para ir à Anatólia “pacificar” a região e garantir a observância do que havia sido acordado no armistício com os aliados. Mas, é claro, fez exatamente o contrário. Uma vez na Anatólia, ele deu início a uma guerra civil que levaria ao nascimento de um estado turco independente e pós-otomano.”⁴³



Figura 7: Mustafá Kemal Ataturk

Fonte: <http://studyabroadinturkey.blogspot.com.br/2010/06/mustafa-kemal-ataturk.html>

A região da palestina, continuou sob o mandato britânico. Segundo (DEMANT)⁴⁴, durante a segunda guerra mundial, a importância da região cresceu. Se a Batalha de El-Alamein travada entre alemães e ingleses e

⁴³ REISS, T.: *O Orientalista Desvendando o mistério da estranha vida de Kurban Said*, Rio de Janeiro, Record, 2007, p. 159

⁴⁴ DEMANT, P.; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008

vencida por estes, fosse vencida pelos alemães, a situação do Oriente Médio e da guerra em geral poderia ter sido diferente. Os alemães tomariam posse das reservas de petróleo do Oriente Médio e todos os judeus residentes na região estariam em campos de concentração, mudando talvez, toda a história, tal qual a conhecemos.

“A Segunda Guerra Mundial tornou o Oriente Médio um campo de batalha (com exceção da Turquia, que permaneceu neutra). Os nazistas cobiçaram o petróleo e os Aliados, por sua vez, tentaram protegê-lo. A estratégia do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) foi alcançar esta fonte, cuja posse decidiria possivelmente a guerra, por meio da conjunção de duas frentes armadas: a primeira, forçando seu caminho pela África do Norte através do Egito em direção ao leste; a segunda, indo da Rússia através do Cáucaso em direção ao sul. Caso tivesse tido êxito, a aniquilação da comunidade sionista na Palestina não teria sido mais do que uma nota de rodapé na história”⁴⁵

Durante a guerra, com a ascensão de Hitler, o fluxo de judeus para a região aumentou. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a libertação dos sobreviventes do genocídio, houve uma movimentação mais efetiva na busca dos Judeus no sentido de encontrar uma pátria, baseando-se nos princípios do Sionismo.⁴⁶

“O termo genocídio forjado pelos juristas durante os processos dos líderes nazistas, visava definir o crime até então desconhecido dos anais de Direito: a condenação à morte de todos os membros de um determinado grupo humano, destinado ao desaparecimento físico em nome de uma ideologia forjada pelos detentores de poder. A este termo, etimologicamente correto, impõe-se um outro, de origem grega, *holocausto*, que sob influência dos Estados Unidos (onde passou a ser usado), acabou sendo aplicado ao genocídio dos judeus - embora de modo errôneo. Genocídio significa assassinio criminoso de gentes; Holocausto significa um sacrifício. Ora, os judeus foram simplesmente assassinados, exterminados; jamais sacrificados, já que o sacrifício implica alguma finalidade, mesmo que ilusoriamente teológica – fato que não existiu no caso do gratuito extermínio dos judeus.”⁴⁷

⁴⁵ DEMANT, P.; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008 p. 99

⁴⁶ Movimento que preconiza o fim da Diáspora e a volta dos Judeus a Israel, tendo como principal mentor, Theodor Herzl, que por volta de 1895, escreve "Der Judenstaat – Versuch Einer Modernen Lösung der Judenfrage" ("O Estado Judeu – Uma Solução Moderna para a Questão Judaica").

⁴⁷ MARGULIES, M.: *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 23

Começaram a partir daí diversos conflitos trilaterais entre árabes judeus e ingleses⁴⁸. Em 29 de novembro de 1947, as Nações Unidas decidiram, por meio de votação, a criação de dois estados, um árabe e um judeu, onde Jerusalém seria território internacional⁴⁹.

Em 15 de Maio de 1948, foi Fundado o Estado de Israel. Em Tel Aviv, o então Líder David Ben Gurion proclamou o ressurgimento da Nação de Israel após a longa Diáspora. Neste dia, a luta dos Judeus pela sua pátria terminou e teve início outra luta para a sua permanência em meio a vizinhos hostis.

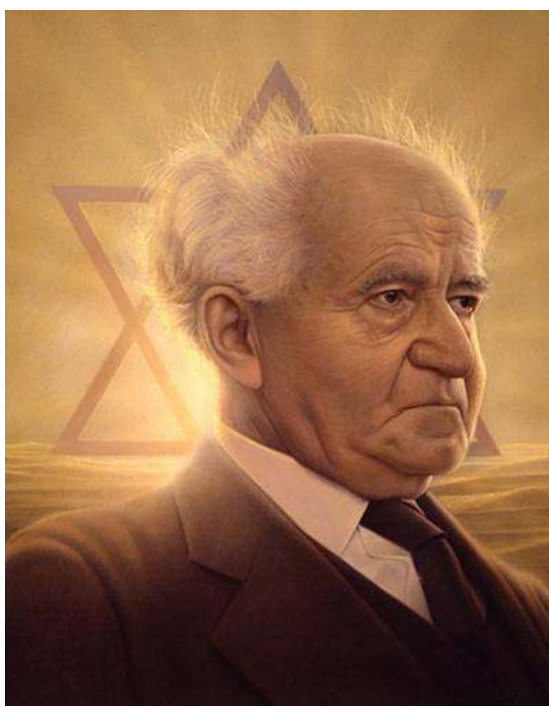


Figura 8: David Ben Gurion

Fonte: <http://www.chazit.com/cybersio/biografias/pms/bengurion.html>

Esta mesma resolução da ONU dividiu a Palestina em um estado judeu e outro Árabe, cuja população foi denominada de “palestinos”. Segundo HAMID⁵⁰, nesta época, os judeus formavam menos de um terço do total da população, vivendo em 6,5% do território palestino, no entanto receberam 55%

⁴⁸ URIS, L.: *Exodus*. Estados Unidos: Doubleday & Company. 1958 626p. (Literatura)

⁴⁹ HAMID, S. C.: *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc P. 1.

⁵⁰ HAMID, S. C.: *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc P.1

das terras. Os judeus, então, iniciaram a ocupação do território que lhes cabia, mas os árabes não aceitaram o novo Estado, alegando ser a maioria da população, recebendo um território menor, obtendo apoio de cinco países, Jordânia, Síria, Líbano, Egito e Iraque, que iniciaram uma guerra. Esta Guerra terminou em janeiro de 1949, com a vitória esmagadora dos israelenses, que obtiveram o controle de 75% da Palestina, ou seja, aumentaram seu território em um terço a mais do que lhes foi assignado pela ONU. Foi então assinado um acordo entre os beligerantes, com uma divisão territorial mais clara⁵¹. O território atribuído ao Estado de Israel incluía os Portos de Haifa e Tel Aviv e todo o Vale do Deserto de Negev. Os palestinos receberam a parte Leste, denominada Cisjordânia e outra faixa na fronteira com o Egito, denominada “faixa de Gaza”.



Figura 9: Localização do Estado Judaico e territórios palestinos.

Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/imagens/mapa-de-israel-2.jpg> acesso em 10/09/2011.

⁵¹ HAMID, S. C.: *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc P 1.

A Transjordânia, ou seja, a faixa que ainda hoje fica a leste do Jordão, se transformou no país independente da Jordânia, cujo governo foi entregue ao clã Hashemita, família que administrava as cidades santas do islamismo, cujos membros auxiliaram os ingleses na expulsão dos turcos da região. Esta família se auto intitula “Descendente do Profeta Maomé”. A Arábia Saudita foi entregue ao clã dos Wahhabitas na década de 1920, outra família que também se diz portadora deste título.

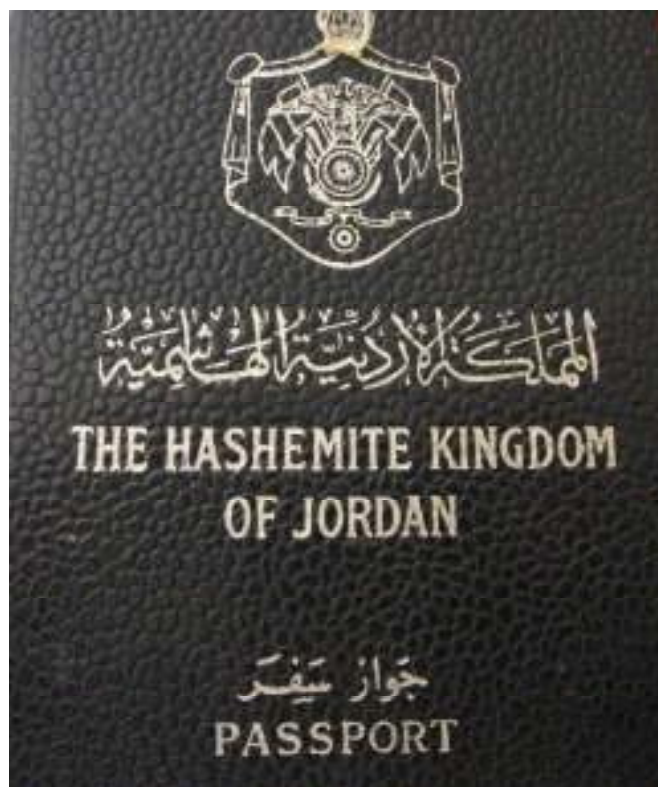


Figura 10: Capa do passaporte do seu Abdul, principal fonte oral desta dissertação. Vê-se menção dos mandatários pelo nome do país “Reino Hashemita da Jordânia”. Foto tirada pelo autor.

“O Egito foi o primeiro em 1922, a ganhar a independência, e talvez fosse o caso mais bem sucedido da estratégia inglesa: a influência britânica continuou predominante na monarquia, e o Canal de Suez, se manteve nas mãos da Grã-Bretanha. No mesmo ano, para apaziguar os ânimos nacionalistas, os ingleses coroaram dois filhos do xerife Hussein como monarcas pró-ocidentais em suas outras possessões médio-orientais: Abdallah, no emirado da Transjordânia (que foi separado do mandato palestino), e Faissal I, no Iraque. Este último, a antiga Mesopotâmia, constituía um caso particularmente complicado.”⁵²

⁵² DEMANT, P.; *O Mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008 p. 93

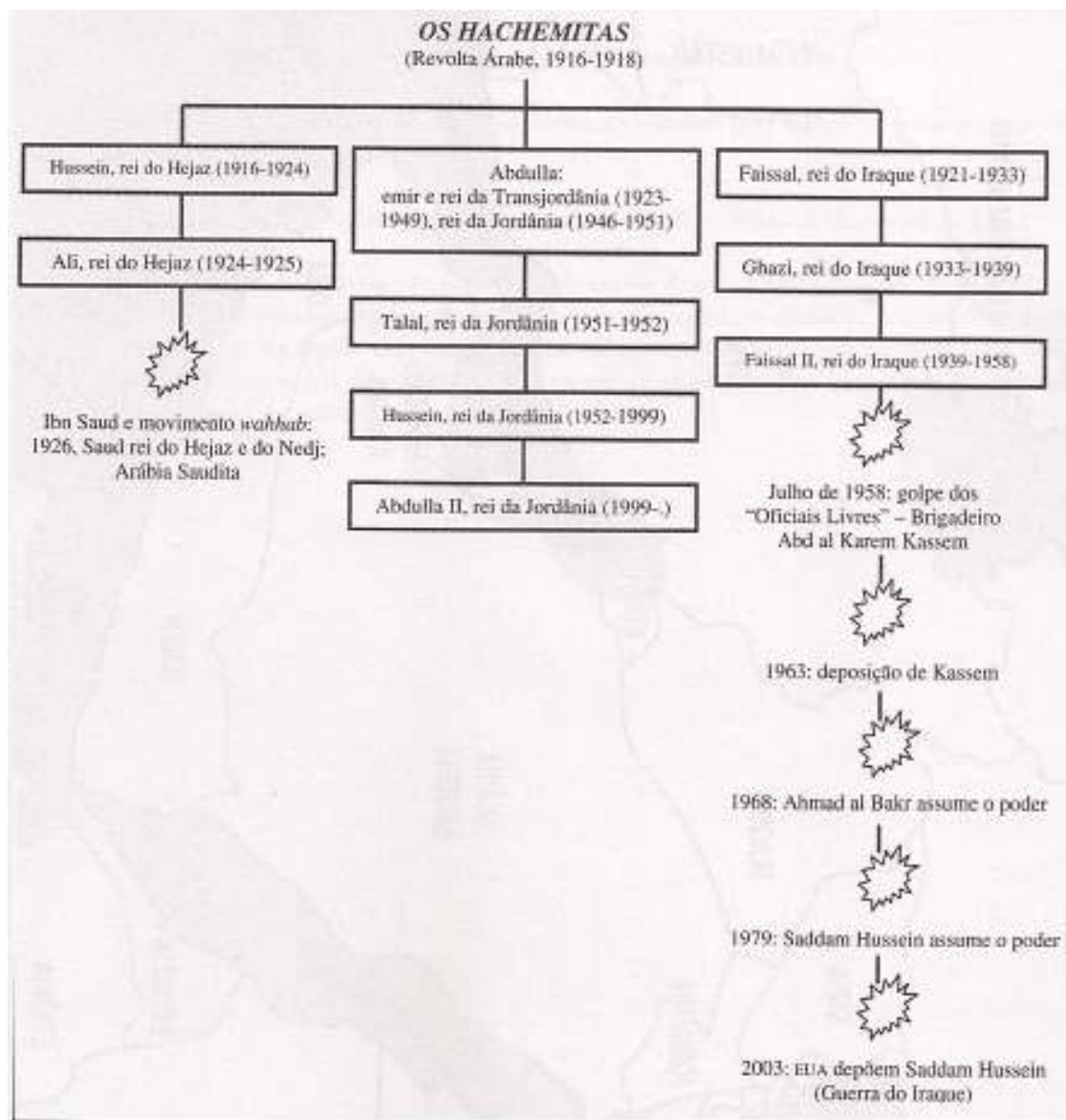


Figura 11 - Reinos Hachemitas após a Revolta árabe (adaptado de Albert Hourani) Fonte: : VISACRO, A.: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010. P. 111

Jerusalém, então, seria um território neutro que ficaria sob controle da ONU, sob protestos de ambos os lados. Os palestinos criaram então em 1950 a Al-Fatah, que foi responsável por diversos atos denominados terroristas nas décadas de 60 e 70, sob a Liderança de Yasser Arafat.

Em 1956, Gamal Abdel Nasser, então líder do Egito, nacionaliza o Canal de Suez.

“A irrupção política surgida na esteira da nacionalização do Canal de Suez, levou Israel a aliar-se à França e à Inglaterra em ataque às Forças do Egito. O apoio logístico europeu garantiu a

invasão israelense, com o desembarque de tropas de franceses e ingleses na região do Canal de Suez, bem como na importante e estratégica cidade de Port Said. Como represália, os egípcios afundaram alguns navios, impedindo sua utilização. Do ponto de vista das ações militares, as potências europeias ocuparam a fatia que lhes era mais cara, a zona do Canal, enquanto as tropas israelenses invadem a Península do Sinai e a Faixa de Gaza, avançando em direção do Canal. Seguindo um desenho tático próprio, as Forças de Defesa de Israel (FDI) também ocuparam o setor Oeste do território jordaniano, de tal forma que parte de Jerusalém, ficou dentro dos limites de Israel. A ação apoiada por tropas francesas e inglesas em 29 de outubro de 1956, tinha como pretexto eliminar supostas bases de comandos egípcios, instaladas na região. Isto posto justificava a intervenção militar aos franceses e ingleses na região. No dia imediato à invasão, França e Grã-Bretanha apresentava, ao Egito um ultimato, estipulando o prazo de 12 horas para a cessação dos confrontos; e exigia o recuo das tropas egípcias para 16 km do Canal de Suez. Nasser não as aceitou, considerando que as exigências formuladas seriam uma violação à Carta da ONU, à sua autonomia e, especialmente à aquisição de terras pela via bélica. Diante da recusa, o comando franco-britânico desembarcou tropas em Port Said e Port Foad. A Guerra de Suez (1956) era a segunda desde a partilha da palestina em 1947. Diante das pressões diplomáticas da ONU e das duas maiores potências mundiais de então, a União Soviética e os EUA, exigindo de Israel, França e Inglaterra o fim da guerra e a cessação das hostilidades na região, os europeus se retiraram, mas os israelenses o fizeram somente um ano depois. O Egito por seu turno, reabriria o canal no dia 09 de abril de 1957”.⁵³

A ONU, então, analisou uma resolução para o cessar fogo na região e criou uma força de paz para atuar na região, que lá permaneceu por 10 anos.

“Nas primeiras horas da manhã de 4 de novembro de 1956, após uma reunião de emergência, a Assembleia Geral da ONU analisou apenas uma resolução exatamente a que exigia o cessar-fogo e estabelecia uma Força de Emergência para assegurar e supervisionar a cessação das hostilidades no Canal de Suez. A Resolução passou com 57 a favor, nenhum contra e 19 abstenções.”⁵⁴

Esta força foi em parte formada pelo “Batalhão Suez” composto por soldados brasileiros, além de forças de mais nove países.

⁵³ ARRAES FILHO, M. R.: *História, memória e deserto: Os soldados brasileiros do batalhão de suez (1957-1967)*. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. (2009) p. 46

⁵⁴ Idem, Pag 48

“Deste modo o exército Brasileiro enviou ao Egito, um Batalhão de Infantaria com efetivo acumulado de aproximadamente 6.300 homens (de janeiro de 1957 a julho de 1967) denominado de “Batalhão de Suez” integrando a força de emergência das Nações Unidas I, (FENU I), organizada com a finalidade de separar as forças egípcias e israelenses.”⁵⁵

Em 1967, o até então líder Egípcio Gamal Nasser fez com que a ONU se retirasse da região, fazendo com que a tensão existente explodisse em uma guerra declarada. Israel, usando sua estratégia de que a melhor defesa é o ataque, mobilizou suas tropas sob o comando do General Moshe Dayan, investindo contra o Egito, a Síria e a Jordânia, avançando para o Canal de Suez e derrotando o exército Egípcio.



Figura 12: General Moshe Dayan.

Fonte: <http://www.thejerusalemconnection.us/blog/2012/01/05/moshe-dayans-colossal-blunder.html>

Num ataque de surpresa aos aeroportos, os israelenses destruíram a força aérea egípcia logo no início da campanha. Israel tinha a supremacia aérea, com aeronaves Mirage⁵⁶ de última geração, pilotos bem treinados e motivados, enquanto os egípcios possuíam aeronaves Mig 19, de fabricação russa, de uma geração anterior. Tropas paraquedistas israelenses tomaram o

⁵⁵ ARRAES FILHO, M. R.: *História, memória e deserto: Os soldados brasileiros do batalhão de suez (1957-1967)*. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. (2009) p. 8

⁵⁶ Caça supersônico de fabricação francesa, que posteriormente seria modificado pelos israelenses e transformado no “Kfir”.

setor árabe de Jerusalém, juntamente com a Cisjordânia. Israel ocupou também as colinas de Golan na fronteira com a Síria. Nesta guerra, nos três primeiros dias de combate, morreram 100.000 pessoas. No quarto dia, depois do início dos combates, o Egito admitiu sua derrota. Israel atingiu seus objetivos em apenas seis dias⁵⁷, derrotando todas as nações oponentes. Temendo o crescimento do poderio de Israel, calcado em sua estreita relação com os Estados Unidos, os países árabes então decidiram pedir auxílio ao seu então maior inimigo, a União Soviética.

“Um jogo feito de concepções errôneas, de manipulações recíprocas inter-árabes e de lances demagógicos levou Nasser, em maio de 1967, a renovar a ameaça militar contra o Estado Judeu. A facilidade com que a guerra fria entre Israel e seus vizinhos se reacendeu ilustra a instabilidade deste quadro: aqui não houve contenção, dissuasão, nem cálculos racionais como os observados entre os EUA e a URSS. Israel não ambicionou a expansão territorial, mas temeu um novo Holocausto; os árabes estavam despreparados para uma nova guerra, mas sua honra já havia sido comprometida. Para os árabes, os resultados foram catastróficos de imediato; para Israel, a longo prazo. Na Guerra Dos Seis Dias, Israel ocupou o Sinai, do Egito; dos restos do Estado palestino definido em 1947 mas nunca erigido, Israel ocupou a Cisjordânia jordaniana (inclusive Jerusalém oriental, terceira cidade sagrada do islã, que foi anexada) e a Faixa de Gaza; e da Síria, ocupou as Colinas de Golã.”⁵⁸

A guerra fria, que até o momento não havia chegado à região, estabeleceu-se com força total, fazendo com que Israel ficasse ao lado dos Estados Unidos, e os árabes ao lado da então União Soviética. Israel já ocupava toda a península do Sinai, a faixa de Gaza, o Setor Árabe de Jerusalém, a Cisjordânia e as colinas de Golan. A partir daí, Israel se tornou um respeitado baluarte ocidental e pró-americano no Oriente Médio.

⁵⁷ Daí a origem do nome da “Guerra dos 6 dias”.

⁵⁸ DEMANT, P.; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008

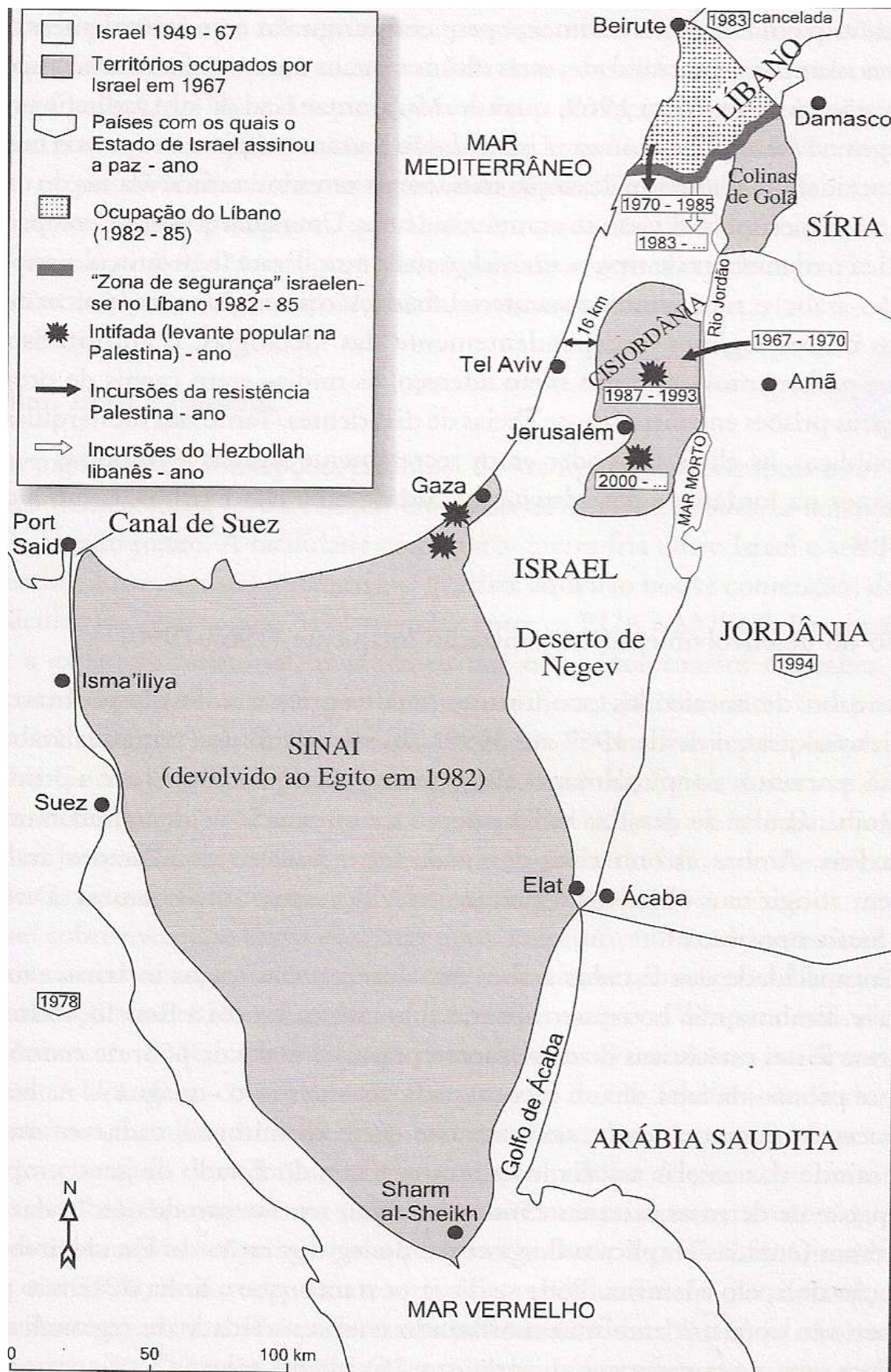


Figura 13: Israel-Palestina: A Guerra dos Seis dias (junho 1967 e suas seqüelas).
 Fonte: DEMANT, P.; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008 p 107

Em 06 de outubro de 1973, aproveitando-se do feriado do Yom kipur⁵⁹, onde praticamente todas as atividades ficam paradas em Israel, os árabes lançaram ataques surpresa contra Israel. Mesmo assim Israel saiu vitorioso, com uma mobilização tão rápida de suas tropas, que até hoje é assunto de discussão em academias militares. Uma longa negociação pela paz começou em novembro de 1977, quando o líder Egípcio, Anwar Sadat visitou Jerusalém a convite de Menahem Begin, então líder de Israel. Sadat discursou no Knesset, o Parlamento israelense, reconhecendo o Estado de Israel e seu direito de existir, abrindo uma porta para a paz.

O presidente Carter dos Estados Unidos, convidou Sadat e Begin para irem a Camp David, residência de verão dos presidentes estadunidenses, para iniciarem negociações para um acordo de paz. Estas negociações culminaram com a assinatura de um acordo que tinha como principal cláusula a retirada israelense da península do Sinai e sua devolução ao Egito, com a normalização das relações diplomáticas, econômicas e culturais entre os dois países. Begin e Sadat mais tarde ganharam o prêmio Nobel da Paz. Devido a este acordo, 18 nações Árabes romperam relações com o Egito. Sadat foi assassinado durante um desfile militar no Egito. Os acordos foram reafirmados e aperfeiçoados posteriormente pelo seu sucessor Osny Mubarak.



Figura 14: Mubarak (à esquerda) e Sadat, durante comemoração.

Fonte: <http://www.opinion-maker.org/2011/03/egypt-under-anwar-al-sadat-and-hosni-mubarak/>
acesso em 24 de Setembro de 2012

⁵⁹ O Yom Kipur é um feriado judaico. É o dia do perdão. Neste dia é realizado um recolhimento onde os religiosos judeus praticam a oração e o jejum.

Em uma tentativa de terminar com 45 anos de hostilidades entre palestinos e israelenses, o Primeiro Ministro de Israel Yitzhak Rabin e o líder palestino Yasser Arafat, assinaram um acordo em Oslo, Noruega em 13 de setembro de 1993, com três principais termos:

1. A Organização para Libertação da Palestina (OLP) reconheceu o direito de Israel existir.
2. Em troca, Israel reconheceu a OLP como única representante do povo palestino.
3. Um governo autônomo palestino na Cisjordânia e em Gaza, territórios ocupados por Israel em 1967 na Guerra dos seis dias e que Rabin ajudou a conquistar, como chefe do estado maior por ocasião desta guerra.



Figura 15: Isaac Rabin, Bill Clinton e Yasser Arafat durante os Acordos de Oslo.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordos_de_paz_de_Oslo

Rabin foi eleito Primeiro Ministro de Israel em 1992, ajudado pelo sucesso no campo de batalha. Uma de suas promessas de campanha era intensificar o acordo de paz. Em um gesto de coragem, assinou um acordo com os palestinos, pois Arafat era visto pelos israelenses como líder terrorista, gerando forte oposição em Israel. Em 04 de novembro de 1995, Ygal Amir, um ativista de direita assassinou Rabin em uma manifestação pela paz em Tel Aviv, fazendo que este processo de paz se enfraquecesse, dificultando as negociações para um acordo definitivo, e fazendo cair por terra as esperanças de paz por esta via.



Figura 16: Ygal Amir

Fonte: <http://www.benjirovitt.com/2011/08/top-10-uses-of-the-guardian-newspaper/>

2. Quadro Resumo

Como um resumo, segue um quadro com os principais pontos e principais civilizações que conquistaram o território.

Resumo da História da Palestina (1350 a.C. – 1948 d.C.)		
Domínio Judaico (período bíblico)		1350 a.C. – 586 a.C.
Conquista babilônica		587 a.C. – 538 a.C.
Autonomia judaica;		
	soberania babilônica	333 a.C. – 312 a.C.
	dinastia dos Ptolomeus	312 a.C. – 249 a.C.
	dinastia dos selêucidas	249 a.C. – 168 a.C.
Revolta dos Macabeus		168 a.C. – 143 a.C.
Estado Judaico dos Hasmoneus		142 a.C. – 63 a.C.
Autonomia judaica	soberania romana	63 a.C. - 6 d.C.
Província romana		6 d.C. - 395 d.C.
Província bizantina		395 d.C. - 614 d.C.
Conquista persa		614 d.C. - 628 d.C.
Reconquista bizantina		628 d.C. - 636 d.C.
Conquista Árabe (primeiros califas)		636 d.C. - 661 d.C.
Dinastias muçulmanas		
	Umayyidas	661 d.C. - 750 d.C.
	Abássidas	750 d.C. - 870 d.C.
	lutas entre Tulúnidas, Hamdânidas e outras	870 d.C.- 1071 d.C.
Domínio dos turcos seldjucos		1071 d.C.- 1096 d.C.
Domínio cristão dos cruzados em parte conquistado pelos Muçulmanos		1096 d.C.- 1291 d.C.
Domínio dos mamelucos		1291 d.C.- 1516 d.C.
Domínio dos turcos otomanos		1516 d.C.- 1918 d.C.
Administração britânica		1918 d.C.- 1948 d.C.
Estado de Israel		1948 d.C.

Tabela 1 : Fonte: MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979 P.91

3. Quem é o palestino ?

“Quando eu era criança, fazia com meu pai longos passeios pelo vale de Jezreel. Nós sempre encontrávamos alguns árabes, e eles especialmente no inverno, cobriam as cabeças com suas “Kafiyas”⁶⁰, deixando à mostra apenas o nariz e os olhos. Meu pai, que não nascera no país, - veio da Rússia quando tinha 17 anos – costumava dizer: “Olhe eles parecem assassinos”. Mas aqueles árabes não eram assassinos, eram simples “Fellayin”, camponeses, e porquê chovia e fazia frio cobriam as cabeças com suas “Kafiyas” e “Agal”⁶¹, e de toda a face não se via senão um nariz e os olhos brilhantes – que me pareceram escuros e belos. Meu pai, por sua vez imaginava que ele via, através da “Kafiya”, olhares que lhe lembravam sua cidadezinha, na Rússia.” (Moshe Dayan⁶², em discurso pronunciado em Jaffa, em 14 de Fevereiro de 1969) ⁶³

O palestino é árabe, pelas origens, pela língua e as religiões. HOURANI⁶⁴ nos traz uma definição do “ser árabe”.

“Mais conscientes de sua língua do que qualquer outro povo no mundo, vendo-a não só como a maior de suas artes, mas também como seu bem comum, os árabes, em sua maioria, se solicitados a definir o que querem dizer com “nação árabe”, começariam por afirmar que ela inclui todos aqueles que falam a língua árabe. Mas isso seria apenas o primeiro passo, e não lhes custaria mais do que outro passo dizer que ela inclui todos os que afirmam ter uma ligação com as tribos nômades da Arábia, que por linhagem, quer or filiação, quer por apropriação (por meio da língua ou literatura) se seu ideal de excelência humana e padrões de beleza.”⁶⁵

Por ser fortemente ligado a sua terra, o palestino não é um guerreiro, ao contrário, suas origens são pastoris e de agricultura⁶⁶. Um dos melhores azeites de oliva do mundo é produzido nesta região, que tem como tradição a

⁶⁰ Pano tradicional que cobre a cabeça do homem árabe, esta vestimenta tem duas utilidades: Proteger do Sol no verão e aquecer no inverno. .

⁶¹ Cordão que serve para segurar a Kafiya. Utilizado em redor da parte superior da cabeça, na maioria das vezes de cor preta. .

⁶² General israelense bastante conhecido na década de 60/70. Sua característica principal é o uso de um tapa-olho. (Vide Figura 11)

⁶³ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. Contracapa.

⁶⁴ HOURANI, A.; *O Pensamento árabe na era liberal 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁶⁵ HOURANI, A.; *O Pensamento árabe na era liberal 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. P. 21

⁶⁶ Embora, segundo Fausto Wolff, na década de 80 a OLP tenha realizado com sucesso um trabalho de “intelectualizar os militares e militarizar os intelectuais” *In* (WOLFF, P. 101.).

produção de uva, lentilha, figos, tâmaras, o que também é corroborado pelo depoimento de Seu Abdul, sobre suas terras na Palestina.

“Mas a gente tinha prantaçón de uva né, tem.. de figo tem prá prantá.. trigo, Nantinha, então, nossa cidade tem zeituna,.. né, então nossa cidade não é cidade grande como Jerusalém, como Ramallah, em Ramallah eles tem também terra.. lá.. tem povo que mora, que sai, mas que eles.. tem terra, vizinho né ? “Tudo cidade que eles tem... é... agora tem terra, mesma coisa daqui né, como São Baulo eles tem é... São Baulo, mas a terra... Num tem gente terra prá usá. Agora de interior com.. como cidade de interior, tudo tudo mora lá mas tem terra, nós mora mas em cidade de interior... lá.. (...) Quem mora em Jerusalém muito difícil que eles tem vizinho terra prá plantá, eles têm comércio e lá também que mora em Jerusalém tem mais...(...) É nois tudo ... tanto nós como outro parente tudo têm terra... É prá viver né? Tem Zeituna, tem fico, plantação de trigo Nantinha⁶⁷, Grão de bico...”⁶⁸

Junto com esta tradição de pecuária/agricultura, o palestino se orgulha de seu gosto pelo comércio. De acordo com as tradições árabes, o comércio é uma arte, a negociação de preços pode durar horas e é realizada com um imenso prazer por parte dos negociantes. Pôde-se observar de perto, quando o autor esteve na Palestina, onde regatear preços era uma obrigação em cada compra. Uma ocasião, na intenção de testar os limites desta negociação, resolveu-se fazer uma primeira proposta bastante inferior, o que ofendeu o comerciante, que respondeu com ar ofendido, mas com grande polidez que queria fazer feliz a todos os clientes, no entanto, precisava comer também. O comércio não é considerado trabalho, mas uma arte. Seu Abdul deixa bastante claro em um trecho de seu depoimento:

“Abdul: Eu sempre fui lá de... Minha terra sempre gosta de vender. Eu sempre gostou de vender, minha família, pai gosta de vender, gosta de mexer com negócio. Não gosta de trabalhar.

Ailton: Risos.

Abdul: Não, nós trabalha!!!⁶⁹

Ailton: Eu sei... eu sei...”⁷⁰

Esta vocação pela agricultura originou-se desde tempos imemoriais. Após a queda do império Otomano em 1922, 560.000 Árabes viviam na região,

⁶⁷ Lentilhas. .

⁶⁸ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

⁶⁹ Este foi um mal estar ocorrido durante a entrevista. .

⁷⁰ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011

destes 60.000 seguiram religiões de doutrina cristã e os restantes, 500.000, eram muçulmanos sunitas, com 70% desta população muçulmana concentrada nos campos.⁷¹ Nesta época, algumas tribos beduínas nômades atacavam as fazendas com armas, para roubar e abusar das mulheres. Havia uma divisão de classes sociais,

1. Os Efêndis, que eram os grandes proprietários e geralmente não viviam na região;
2. A classe média, com poucos membros e se concentrando em cristãos, que eram os pequenos comerciantes e artesãos.
3. A classe dos felás (camponeses). Destes camponeses, uns viviam mendigando e conseguindo trabalhos periódicos, outros trabalhavam nas terras dos Efêndis em um regime quase feudal. Estas terras ocupavam apenas a parte fértil do território palestino, ou seja, aquelas que não estavam dentro de desertos que constituem a maioria nesta região.⁷²

Havia disputas internas, pois apenas 20% dos Felás possuíam terras, que eram propriedades de pequeno porte, com renda que mal dava para a subsistência da família. Estes camponeses não possuíam dinheiro e conseqüentemente não tinham conhecimento técnico para o cultivo, obtendo crédito por meio de agiotas que trabalhavam para os Efêndis. Já as terras de propriedade dos Efêndis eram férteis e não faltava mão de obra, dinheiro e tecnologia para o cultivo.⁷³

“O analfabetismo prevalecia entre 90% da população. Assim os árabes palestinos não estavam representados nos movimentos de renascimento da cultura Árabe.”⁷⁴

Entre 1922 e 1932, devido a entrada dos judeus na Palestina, com equipamentos mais avançados e empresas oferecendo empregos, iniciou-se aí

⁷¹ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 95

⁷² MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 96

⁷³ Idem. P. 97

⁷⁴ Idem. P. 98

uma proletarização dos árabes, com um aumento significativo da população árabe nas grandes cidades, levando a um abandono dos campos. A Palestina passa então a ter os mesmos problemas de diversos países, com a imigração dos campos para as cidades. Outro fenômeno foi a ocidentalização da região. O fato foi agravado em 1933, com a intensificação do anti-semitismo na Alemanha de Hitler.

“As massas árabes porém, os felás e o operariado, ao contrário dos Efêndis da classe média, não estavam sendo movidas por interesses econômicos ao manifestarem suspeitas quanto à colonização judaica, pois essa lhes proporcionava vantagens materiais indiscutíveis. [...] A imigração dos judeus teve o efeito de um embate, para o qual os Árabes não estavam preparados e que colocava na defensiva, conduzindo-os a auto-identificação grupal. Essa consciência da própria identidade nacional Árabe e regional Palestina formava, ao crescer, uma barreira contra a eventual hegemonia da cultura e economia judaicas. Assim a elevação do nível cultural e material, se bem que resultando da colonização judaica, intensificava a animosidade contra o sionismo. A total separação das comunidades muçulmana e israelita reforçava a mútua ignorância que, melhor base para implantação do ódio, facilitou a capitalização dos sentimentos populares pelos grupos econômica e socialmente interessados em canalizar as massas dentro dos movimentos políticos, de cunho nacional e patriótico indiscutivelmente legítimo, embora aviltado pela violência em que descambaria o primitivo nacionalismo popular, genuíno e sincero.”⁷⁵

Desde 1938, os conflitos se intensificariam, com os palestinos lutando contra os ingleses e contra os sionistas. E os sionistas por seu lado, lutando contra os árabes e os ingleses. Tentando fazer frente a esta dupla ameaça, a Inglaterra foi obrigada a manter 100 mil soldados, na região. Seu Abdul conta passagens interessantes na luta contra os ingleses:

“...esse foi aquele tempo. Então chegou de ordem: Todo mundo sai fora de... tudo casa pode ser aberta⁷⁶, não é cidade grande, era pequena, né? Mas tudo brigando contra ocupação de Inglaterra, inglês (Trecho em árabe)⁷⁷ ... matou mais de que... não sei quanto.. foi o... morreu gente, perdeu perna, braço... ... Era ingleses, ai judeu. E o árabes de nossa cidade, ele tem

⁷⁵ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 101 e 102

⁷⁶ Estas ações também, têm efeito até hoje, na ocupação israelense. .

⁷⁷ Devido à sua idade avançada, seu Abdul misturava por várias vezes o idioma árabe nas frases em português. Houve uma tentativa de traduzi-las, mas estavam ininteligíveis na gravação.

comando de guerrilheiro contra a ocupação dos ingleses matava ingleses, para eles desocupa a terra. Uma vez eles matou da nossa cidade, avião, não sei quanto tanque de guerra, eu era moleque, então eles veio pra brigar, né? Então os ingleses levou muita gente pra cadeia de nossa cidade e judeu também nunca prestou pra encrascar com os ingleses, quem tava brigando era nossa cidade que tava enfrentando inglês, mas inglês e conhecer a brabeza de nossa cidade. Entendeu? Agora depois de judeu nunca prestou. Ai a Inglaterra sabe o que ela fez? Quando foi embora entregou tudo os armamentos os tanques de guerra deixou pra judeu. Mas os árabes não tem medo, tem coragem e sempre escutava de joelho. Tá tendo um comando de nossa cidade e ele comandava contra a ocupação de inglês.”⁷⁸

Seu Abdul discorda da participação dos Judeus na luta contra os Ingleses, em sua opinião, os judeus já iniciavam aí, um acordo com os ingleses, ou seja, não havia tanta beligerância contra os ingleses por parte dos judeus.

“..Quer dizer judeu pra isso nunca prestou Agora quanto os árabes tocou, tocou. Vamo embora, ai começou a fazer. Vem aqui aonde vocês morando. Em lei de Deus são brimo. . Na minha cidade eu lembro tinha guerrilheirinha que lutava contra ocupação. E é judeu, eu não vi um judeu, era moleque, não vi eles brigava com Inglaterra, né? Depois de Inglaterra ela tava lá ocupando a Terra pra judiar de árabe. Deixou os armamentos tudo pro judeus. Por isso que judeu que ficou maior. Eles tavam ajudando Israel.”⁷⁹

Durante a entrevista, Seu Abdul mencionou conhecer alguém, que era um chefe guerrilheiro palestino que lutou contra os judeus e ingleses, ele não deu mais detalhes alegando que as informações são secretas e se ele falasse, poderia prejudicar alguém:

“Abdul: ...ele me cumprimentou. Como vai Abdul, tudo bem? Graças a Deus. E ele, ele comandou guerrilha contra ali, e contra ocupação da Inglaterra. É uma vez eles foi de nossa cidade, não sei... quantos matou de inglês aí eles foi de nossa cidade saindo avião em cima de cidade, chegou tanque de guerra...
Ailton: E o senhor lembra o nome desse comandante? Como é que ele chamava, não?

⁷⁸ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

⁷⁹ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

Abdul: É quase meu nome...⁸⁰ Não quero isso aqui na entrevista, isso aqui melhor, isso aqui segredo.”
Ailton: Mas ele é vivo ainda?
Abdul: Não, mas isso é gente perigoso, uma coisa sagrada, né?
Uma vez matou 8, 10 pessoas inglesas da nossa cidade.”⁸¹

Ao pesquisar, tendo como fonte a única pista de que ele tinha o mesmo nome, e utilizando a época como baliza, chegou-se a Abdel Khader Al-Husseini. Um herói palestino da luta pela liberdade.

“...Abdel-Qader al-Husseini (1908-1948), a charismatic Palestinian military leader, was killed in the battle for al-Kastal, an Arab village west of Jerusalem. To honor his and his comrades' memories, let us solemnly and respectfully recall how he fought and died dEfending villages from being ethnically cleansed, and ask if the Palestinians have learnt any lesson from his ultimate sacrifice... ”⁸²

“...Abdel-Qader al-Husseini (1908-1948) um carismático líder militar palestino, foi morto na batalha de al-Kasta, uma vila árabe, a oeste de Jerusalém. Para honrar sua memória e a de seus camaradas, deixem-nos solenemente e respeitosamente relembrar como ele lutou e morreu defendendo vilas da limpeza étnica, e perguntar se os palestinos aprenderam alguma lição da razão elementar de seu sacrifício...”⁸³



Figura 17: Abdel Kader al-Husseini (1908-1948)

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Abdel_Kader_al-Husseini_flip.jpg

⁸⁰ Grifo do Autor.

⁸¹ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

⁸² Fonte: Artigo de Hasan Afif El-Hasan, Ph.D. Analista Político, nascido em Nablus, Cisjordânia in http://palestinechronicle.com/view_article_details.php?id=13700 acesso em 26/09/2012

⁸³ Tradução livre do autor

No ano de 1938, se reuniu na Síria o Congresso Pan Árabe, composto em sua maioria por países seriamente influenciados pelo anti-judaísmo predominante na época. Este Congresso não aceitou que o território da Palestina fosse partilhado entre árabes e judeus, defendendo a soberania árabe na região,

“Assim em maio de 1939 a Grã-Bretanha decidiu sacrificar os judeus à estratégia política e militar. O White Paper então publicado restringia a imigração judaica no momento em que os judeus estavam cada vez mais acossados na Europa, e cortava a possibilidade de expansão econômica dos judeus que já estavam na Palestina. A partir de então os líderes árabes palestinos transformaram as atividades anti-sionistas das quais se havia encarregado a Grã-Bretanha, em luta anti-judaica....”⁸⁴

A Inglaterra passou a restringir vistos de entrada de judeus no território palestino e estabeleceu uma cota de apenas 10.000 pessoas por ano, recusando a entrada de navios inteiros.⁸⁵ Isto tudo aconteceu até mesmo no período em que a Inglaterra lutava contra o maior inimigo dos judeus, o nazismo. Nesta época foram constituídas brigadas judaicas sob a bandeira da Estrela de David lutando ao lado dos ingleses contra os nazistas e haviam também brigadas palestinas lutando do mesmo lado, mesmo que a posição de líderes árabes tenha sido pró nazista. Tendo o Mufti de Jerusalém, Hadjdj Amin al Husaini colaborado ativamente a favor da Alemanha.⁸⁶

Seu Abdul nos conta uma passagem de um conterrâneo que serviu pela Inglaterra durante a Segunda Guerra mundial, feito prisioneiro pelos alemães, em diálogo com seu captor:

“... Seu nome ? Fulano. Seu Nome, o seu nome ? Cadê seu rabo? Ele contou de cidade quando... Falou, eu não tem rabo, falou, você é burro quer dizer que inglês roubou sua terra, ocupando sua terra, você tava fazendo guerrilha com eles. Ele falou, fiquei tão envergonhado. É meu vizinho, vizinho nosso. Ele contou. Fiquei tão envergonhado , que eu tá ajudando Inglaterra contra Alemanha.”⁸⁷

⁸⁴ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 109

⁸⁵ URIS, L.; *Exodus*. Estados Unidos: Doubleday & Company. 1958.(literatura)

⁸⁶ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 113

⁸⁷ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011



Figura 18 - O Mufti de Jerusalém Hadjdj Amin al Husaini em reunião com Hitler
Fonte: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462745.shtml>

Com a criação do Estado de Israel, as nações árabes vizinhas⁸⁸, com seus exércitos enfrentou 600 mil judeus que contavam apenas com armamentos deixados pelos ingleses, e com a sua determinação de sobreviver. Seu Abdul nos relembra o momento.

“Depois da guerra Inglaterra né? Aí cabou a guerra, deixou tudo os armamento prá judeu, presta atenção, deixou tanque, deixou tudo, e se mandou. Eu não sei se eles (trecho em árabe) e nós não leva nada, eu não sei... Mas deixou tudo . E aí deixou Israel ficou maior botência lá de Barastina. (...) judeu não, mas sabe o que eles fizeram? A Inglaterra na guerra de 45, elas deixou tudo pra saí, quem deixou foi os inglês(...) tanque de guerra, caminhão, caminhão que carrega soldado.(...) Inglaterra deixou tudo e foi embora(...) Por isso os judeus ficam mais fortes(...) Então enfraqueceu os árabe mulçumano...”⁸⁹

⁸⁸ Egito, Jordânia, Síria, Líbano, Iraque.

⁸⁹ Idem

Depois da declaração do estado de Israel a Cisjordânia passou a pertencer á Jordânia, um país criado pela Inglaterra e entregue a uma família (Hashemita) que já governava em nome do mandato inglês, portanto os palestinos desta região, incluindo o seu Abdul passaram a ser cidadãos jordanianos.



Figura 19: Irmão do Seu Abdul com uniforme do exército jordaniano, exercendo serviço militar obrigatório.

Fonte: Acervo do Seu Abdul.

Para ter-se uma ideia da forma como os ingleses administravam a região, SAHD⁹⁰ diz o seguinte:

“No Egito, desde a invasão inglesa na década de 1880 a oposição e repressão se faziam presente. No Iraque em 1920, eclodiu uma revolta tribal contestando a presença britânica, e,

⁹⁰ SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011. 249 p.

para suprimí-la, Winston Churchill, dando provas irrefutáveis de descaso para com a vida humana, se colocava a favor do uso de armas químicas contra os “bárbaros” locais. Citando um trecho de seu discurso no contexto, “eu sou enfaticamente a favor da utilização de gases venenosos contra tribos incivilizadas”⁹¹ Na Palestina, enquanto a Haganah⁹² (organização sionista de luta armada) é fundada em 1920 e em 1936 tem lugar o primeiro grande movimento contra a presença britânica e a crescente imigração judaica.”⁹³

A criação de Israel em 1948 teve como marco do início da nação israelita. Para os palestinos esta data ficou conhecida como o grande desastre, Al-Nakba, pois muitos perderam suas casas, terras e foram até dispersados para países vizinhos. Os palestinos, em sua maioria agricultores e pecuaristas, não aceitavam de forma alguma a ideia da partilha.

“Da guerra da Palestina, ainda antes da sua oficialização como ocorrência internacional, resultou um movimento demográfico das massas árabes, que se retiravam dos territórios prometidos pela ONU ao estado judaico. A criação de Israel e sua vitória nas operações militares provocou outro movimento migratório que trouxe ao Estado de Israel, numerosas levas de imigrantes judaicos.”⁹⁴

Há uma certa dificuldade em determinar a acuracidade dos dados demográficos antes de 1948, pois os Mukhtars eram encarregados do censo dos Árabes. Sendo eles chefes de grupos familiares, quanto mais numeroso é o seu grupo familiar mais poder eles possuíam nas assembleias, portanto, não é impossível que estes números tenham sido manipulados para um número maior. Houve também migrações para outros estados árabes antes de 1947, pois era patente para todos que uma grande luta estava por vir. Isto de alguma forma diminuiu o poderio árabe, desmembrou famílias, enfraquecendo mais ainda a força dos árabes, que estavam enfrentando uma grande corrente imigratória de judeus vindos de todas as partes do mundo, incluindo os remanescentes do genocídio perpetrado na Europa pelos nazistas.

⁹¹ Referência do autor a COCKBURN, Patrick. Britain's role in shaping Iraq. Disponível em http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/271939.stm acesso em 26/10/2010.

⁹² Existiram vários braços armados sionistas. Destacamos a Haganah, que realizava guerrilhas, e o Irgun, que realizava atos terroristas..

⁹³ SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011. P. 29.

⁹⁴ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. P. 115

SAID⁹⁵ exprime a situação na época:

“(...) a guerra de 1948 – chamada de a Guerra de Independência de Israel – foi uma catástrofe para os palestinos; dois terços foram expulsos de seus lares e de seu país, muitos foram mortos, todas as suas propriedades foram tomadas e, para todos os efeitos, deixaram de existir como um povo. Vi isso com minha própria família, tanto do lado de meu pai como minha mãe; todos os seus membros, sem exceção, se tornaram refugiados, ficaram desenraizados e totalmente desorientados e ainda trazem cicatrizes daquela terrível convulsão. Ter sido um dia membro de uma sociedade (admitidamente controlada pela Grã-Bretanha) em que era possível possuir propriedades, manter profissão ou emprego, constituir família, ir a escola, orar, lavar a terra e até morrer como um cidadão, e no dia seguinte não poder fazer nada disso, foi para a maioria das pessoas que conheci uma morte em vida.”⁹⁶

Os árabes começaram a ficar em pânico, com o abandono de aldeias que estavam dentro das zonas delimitadas para os judeus, o que se viam eram estradas cheias de refugiados, tentando alcançar as áreas árabes ou alcançar outros países árabes, como Jordânia, Síria, Líbano e Egito, que, por sua vez restringiam a entrada desta chamada mão de obra não especializada, que não era interessante para eles. SAHD⁹⁷ em seu livro, faz importante menção a ALI⁹⁸

“Desde o momento de sua fundação, os líderes sionistas de Israel estavam decididos a despovoar o país. Queriam um lar que combinasse com o mito que haviam espalhado na Europa, de uma “terra sem povo”. Os palestinos eram agora um “não povo”. Os que não podiam ser expulsos eram tratados como “Untermenschen”. Muitos judeus apagaram estes episódios desagradáveis do banco de memória coletiva de Israel. Com a destruição dos povoados palestinos e a expulsão de comunidades inteiras, a maioria dos cidadãos do novo estado se retirou para um reino de faz-de-conta. Isolados do resto do mundo Árabe, eles acreditavam que as histórias dos palestinos não podiam ser verificadas, ou que as estatísticas das expulsões não seriam verificadas.”⁹⁹

⁹⁵ SAID, E. W.; (1978). *Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007

⁹⁶ SAID, E. W.; (1978). *Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007 P. 291

⁹⁷ SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011. P. 89.

⁹⁸ ALI, T.; *Confronto de Fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002 p.134-145

⁹⁹ Idem, Ibidem

Após todas as derrotas, das guerras de 1948, 1967 e Yom Kipur, tornou-se quase impossível para um palestino viver nesta região.

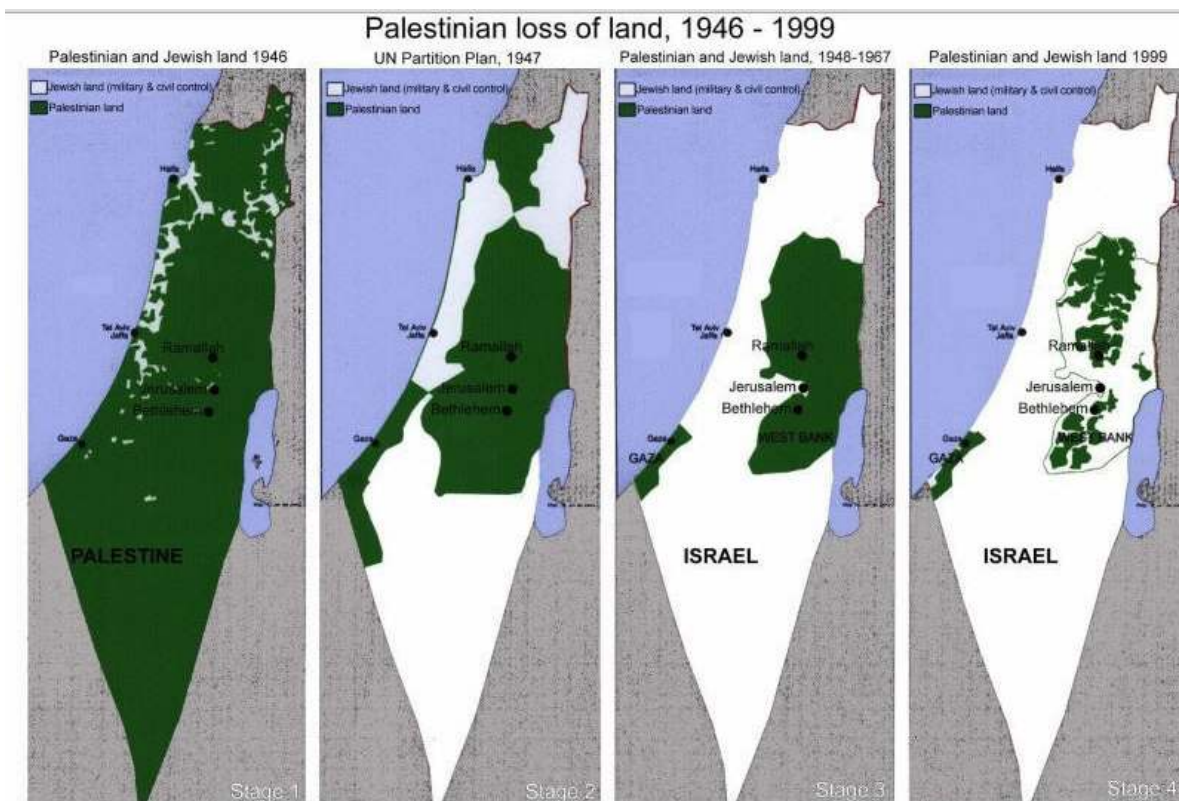


Figura 20: Mudanças ocorridas na região de 1946 a 1999. A área em verde são os territórios palestinos.

Fonte: <http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2012/10/jimmy-carter-critica-eua-e-israel-por.html>. acesso em: 07/01/2011

Como as coisas chegaram a este ponto? Muitos autores apontam a falta de unidade dos árabes em deixar que os palestinos chegassem a este estado de abandono. A falta de estrutura dos países vizinhos recém-criados e não dispendo de regimes que realmente fizessem seus cidadãos se sentirem membros da comunidade e a própria qualidade de vida na região.

“Uma lição semelhante foi ensinada pelo mais responsável e inteligente dos líderes palestinos, Musa al-‘Alami, num livro curto sobre a lição da Palestina (‘Ibrat Filastin). Em parte dizia respeito aos erros específicos cometidos pelos árabes ao tratarem a questão da Palestina: a falta de preparação, de unidade, de uma clara concepção do que seria a guerra, e de seriedade ao travá-la. Mas por trás destes erros havia outras fraquezas mais gerais: a falta de uma unidade permanente e efetiva, defeitos

nos mecanismos de governo, e sobretudo na ausência de consciência política entre as pessoas e de contato entre elas e o governo. Se os árabes quisessem resistir a perigo da expansão sionista, deveria haver uma unidade real, num primeiro momento entre países do crescente Fértil (com uma posição especial para o Líbano); e um sistema reformado de governo, verdadeiramente constitucional, racional na sua política e científico na sua administração, e preocupado com o bem estar de seu povo. O direito à liberdade, ao trabalho, à segurança e aos serviços sociais devia ser reconhecido; só poderia haver uma nação no sentido real, se o povo tivesse alguma coisa para defender.”¹⁰⁰

Este conjunto de situações levou o Seu Abdul, em 1955 a decidir emigrar, pois desde 1948 a situação só piorava. Seu Abdul tinha dois irmãos nos Estados Unidos, e dois tios no Brasil. No entanto, a restrição nos Estados Unidos, estava muito maior para palestinos do que no Brasil. Foi então, que, aproveitando uma leva de migração da Síria para o Brasil, seu Abdul resolveu vir, juntamente com um amigo.

“Hoje, os refugiados palestinos de 1948 e seus descendentes são estimados em aproximadamente 8 milhões de pessoas, constituindo a maior e mais antiga população de refugiados do planeta. Dentre eles incluem-se 4.5 milhões de refugiados de 1948 registrados na UNRWA¹⁰¹ (2007); 1.5 milhão de refugiados de 1948 que não estão registrados na UNRWA seja porque não precisaram de assistência quando se tornaram refugiados, não conheciam a agência ou não quiseram depender dela, como no caso de população de Bersheeba; 950.000 pessoas deslocadas em 1967; 350.000 internamente deslocados em Israel. Após 60 anos de opressão e guerras, 88% dos palestinos ainda vivem na Palestina histórica ou dentro de um raio de 150 km ao seu redor. Apenas 6% da população Palestina vive em outros países Árabes mais distantes e 6% em países ao redor do mundo. As maiores comunidades de refugiados vivem na Jordânia (2.359.000), Síria (465.000) e Líbano (438.000). Cerca de 1.825.000 refugiados vivem dentro dos TPO¹⁰², enquanto cerca de mais de 335.000 internamente deslocados vivem dentro de Israel, privados de casas e terras que suas famílias possuíam antes de 1948. O restante vive espalhado ao redor do mundo, nos países Árabes principalmente, mas também na Europa, EUA, Canadá e América Latina. Mais de 1.3 milhão de

¹⁰⁰ HOURANI, A.; *O Pensamento Árabe na era liberal 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. P. 368.

¹⁰¹ UNRWA, sigla para United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugee in the Near East (Agência da ONU em prol dos Refugiados Palestinos no Oriente Médio), fundada em dezembro de 1949, é a maior e mais antiga agência da ONU. Cf, <http://un.org/unrwa/>.

¹⁰² TPO Territórios Palestinos Ocupados. .

refugiados palestinos vivem em 59 campos de refugiados administrados pela ONU nos TPO, Jordânia, Síria, Líbano e em 12 campos não reconhecidos: 5 na margem ocidental ocupada, 3 na Jordânia e 4 na Síria, segundo as estatísticas da OLP de 2008 (veja <http://www.nad-plo.org>)”¹⁰³

A partir deste momento, seu Abdul passou a tomar conhecimento de todos os eventos seguintes a 1955, pelos meios de comunicação.

“Barastina num é mais Barastina, agora virou Israel. Mas de, quer dizer, quem manda lá é eles né? Quem manda agora é judeu. Tudo na mão deles, faiz o que eles querem né? Eu nunca teve amizade com eles lá na terra, porque eu mocinho novo vê aquela barba deles dá medo até... aquele cascão deles na cabeça...”¹⁰⁴

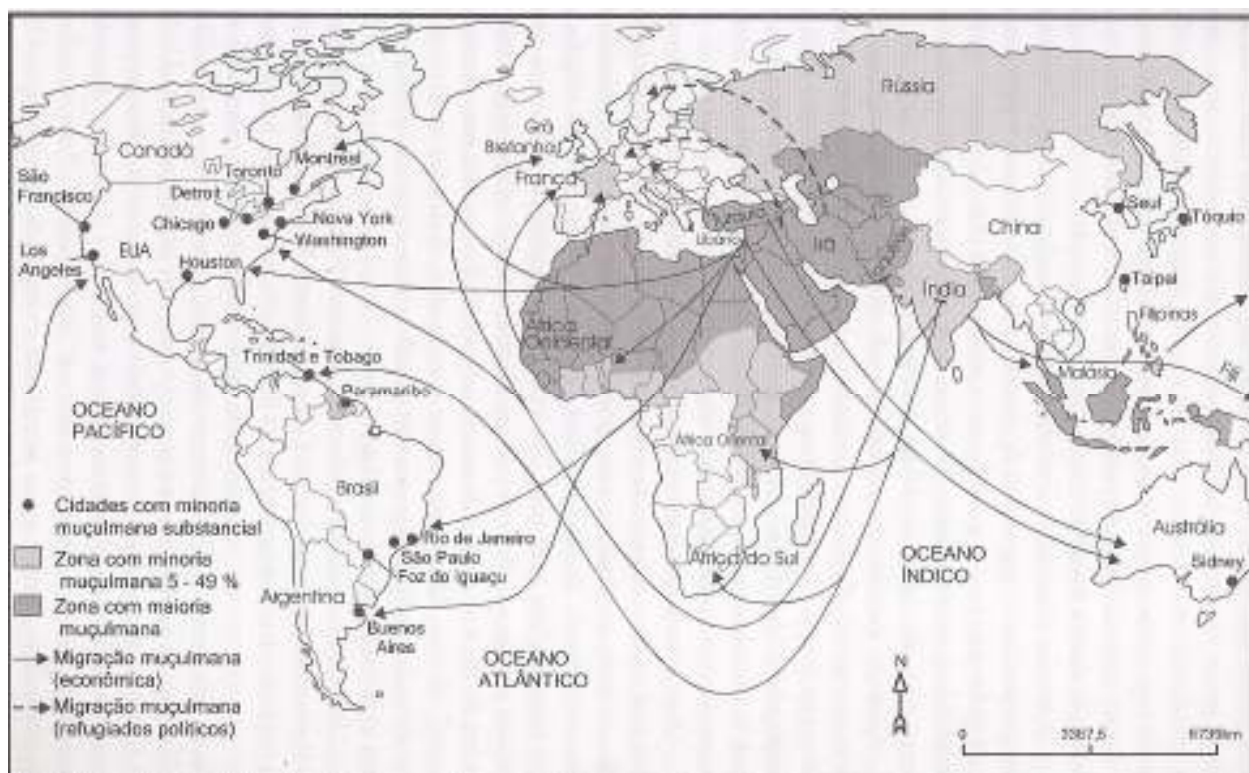


Figura 21 - Movimentos de migração: as diásporas muçulmanas no mundo
Fonte: DEMANT, P.; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008 p.175

¹⁰³ CLEMESHA, A. E. 2. *Os últimos dos excluídos*. Caros Amigos, São Paulo, p. 14 - 15, 01 maio 2009. Pag 2

¹⁰⁴ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo, 06/11/2011.

CAPÍTULO II - SÃO PAULO – A CIDADE DA SOBREVIVÊNCIA

Ocuparam minha pátria
Expulsaram meu povo
Anularam minha identidade
E me chamaram de terrorista

Confiscaram minha propriedade
Arrancaram meu pomar
Demoliram minha casa
E me chamaram de terrorista

Legislaram leis fascistas
Praticaram odiada Apartheid
Destruíram, dividiram, humilharam
E me chamaram de terrorista

Assassinaram minhas alegrias
Sequestraram minhas esperanças,
Algemaram meus sonhos,
Quando recusei todas as barbáries
Eles...mataram um terrorista¹⁰⁵

Em 19 de Novembro de 1955, desembarca no Porto de Santos Abdel Fatah Ibn Abdel Hamid Hassan Ibn Abdel Aziz, um palestino, nascido em uma localidade próxima a cidade de Ramallah, na Cisjordânia.

“...Quer dizer, eu nasci em Barastina¹⁰⁶, quanto tava aí era Barastina, mas minha cidade já outra né?... Al-Mazraah as-Sarqiyah, Al-Mazraah as-Sarqiyah, porque tem duas : Al-Mazraah, tem : Al-Mazraah de Oeste e tem : Al-Mazraah, e. ... de outro né?¹⁰⁷ Também Al-Mazraah as-Sarqiyah... então escreve Al-Mazraah,¹⁰⁸ tá bom, muito melhor não precisa saber esse.. Barastina, nasci lá... isso. Que você já sabe nasci né? Precisa saber onde nasci, então nasci em Barastina....”¹⁰⁹

¹⁰⁵ Mahmoud Darwich (1941-2008), guerrilheiro, líder político, jornalista, escritor e poeta palestino. In SAHD, F. B.: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011. , P 9

¹⁰⁶ Procurou-se manter o sotaque quase na íntegra, para não tirar a originalidade do depoente.

¹⁰⁷ Mazraah é uma planta típica da região, Sharquia em árabe significa leste. Quando Seu Abdul menciona outra Al-Mazraah, é que existe outra Al-Mazraah. Al-Mazraah al Gharbia, a cidade homônima no oeste.

¹⁰⁸ A fonte mostrou grande preocupação com o que o entrevistador escrevia, o que mostra sua desconfiança e medo de falar. .

¹⁰⁹ Entrevista realizada em São Paulo em 06/11/2011.



Figura 22: Vista Ampliada Israel e Oriente Médio.
Fonte: Googlemaps



Figura 23: Ampliação do mesmo mapa, mostrando a Cisjordânia (pontilhado) e as principais cidades.
Fonte: Googlemaps



Figura 26: Seu Abdul, por ocasião de sua chegada ao Brasil
Fonte: Acervo Seu Abdul

Aos 25 anos, após uma viagem longa e acidentada, “Seu Abdul” é um jovem marcado por dificuldades, vem de uma terra conturbada por conflitos há milênios, em busca de oportunidades.

“...Eu vim de navio. Mas tava temporal (risos) quase navio afundou . Deu um temporal, com mar brabo.. não sei.. depois de passou de Tlantic¹¹⁰ deu uma coisa... quase afundou, mas depois, não afundou.. sorte. Todo mundo desmaiou. Mas graças a deus, não aconteceu nada. Num é! Nós tava tudo moço, um vai pra Brasil, um vai pra Nova Iorque, um irmão foi pra Nova Iorque,. Cada um vai pra ... Quer dizer, tudo moço novo. Pra melhorar a vida, porque a gente, na terra da gente, cidade, não tem aquele melhoramento. Então, eu foi pra Brasil, mas muito tempo já foi...”¹¹¹

¹¹⁰ Referência à passagem pelo Estreito de Gibraltar, entrando no Oceano Atlântico. .

¹¹¹ Entrevista obtida realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

A década de 50, foi bastante significativa para a imigração árabe como um todo. Segundo Visentini¹¹², a política externa brasileira, focava como sempre sua diplomacia nos Estados Unidos, buscando uma valorização industrial. Isto contribuiu como uma fase atuante do Ministério das Relações Exteriores, ampliando o número de missões brasileiras em outros países. Foram abertos consulados na Indonésia, Afeganistão, Islândia, Israel e a elevação das representações para embaixadas na Iugoslávia, Áustria, e Holanda. Criando campanhas de propaganda do Brasil no exterior.

“The first official record of the arrival of Arab immigrants in Brazil was that of the Zacarias brothers from Beirut, who established themselves in Rio de Janeiro in 1835. However, it was only in the 1870s that Arab immigration grew and became an important feature of Brazilian History”¹¹³

HAJJAR¹¹⁴ divide a imigração árabe em duas etapas:

“A primeira etapa tem início em 1860/1870 e termina em 1938, com início da Segunda guerra Mundial. Esta etapa compreende três levadas de imigração:

1ª leva imigratória - 1860 a 1900

2ª leva imigratória – 1900 a 1914

3ª leva imigratória – 1918 a 1938

A segunda etapa tem início em 1945 e continua até [...] 1984. Compreende também, três levadas distintas de imigração:

4ª leva imigratória – 1945 a 1955¹¹⁵

5ª leva imigratória – 1956 a 1970

6ª leva imigratória – 1971 a 1984 “¹¹⁶

No caso da imigração palestina, que é o objetivo desta dissertação, grande parte dos imigrantes palestinos vieram da Cisjordânia, com nacionalidade jordaniana.

¹¹² VISENTINI, P. F.; *Relações Exteriores do Brasil II*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes 2009. P 71

¹¹³ “O primeiro registro oficial da chegada de imigrantes Árabes no Brasil foi dos irmãos Zacarias de Beirute, que se estabeleceram no Rio de Janeiro em 1835. No entanto, foi somente nos anos 1870 que a imigração Árabe cresceu e se tornou um importante aspecto da História do Brasil” (Tradução livre do autor) In CLEMESHA, A. E. 3 . *Arab Immigration in Brazil*. Aljazeera Studies, Doha, Catar, P. 01

¹¹⁴ HAJJAR, C. F.; *Imigração Árabe: Cem anos de reflexão*. São Paulo: Cone Editora, 1985.

¹¹⁵ Ano da chegada do Seu Abdul.

¹¹⁶ HAJJAR, C. F.; *Imigração Árabe: Cem anos de reflexão*. São Paulo: Cone Editora, 1985. P 86

“Com efeito, a imigração palestina no Brasil tornou-se significativa na década de 1950 com a vinda de homens oriundos da Cisjordânia. Uma vez que, como vimos, este território foi anexado à Jordânia em 1948, a maioria dos que ingressaram no país não o fizeram como refugiados, mas como imigrantes em busca de melhores condições de trabalho. De fato, a agricultura de subsistência, principal base econômica, passou a ser insuficiente para o sustento familiar, dadas as bruscas mudanças ocorridas no território.”¹¹⁷

Sobre a imigração árabe como um todo, a maioria é constituída de cristãos do Líbano e Síria, e os imigrantes de outras localidades como Turquia, Palestina, Egito, Jordânia e Iraque, são em número bem menor¹¹⁸.

Na maioria das vezes, como no caso do Seu Abdul, o ponto de partida eram os portos de Alexandria, Trípoli ou Beirute, dirigindo-se para outros portos como Gênova, e ficavam aguardando outra conexão, esta espera poderia levar meses. No caso específico do Seu Abdul, a partida foi em Alexandria, via França, Rio de Janeiro, e depois Santos.¹¹⁹

“Eu achei: Sou moço novo... todo mundo sai vai prá Estados Unidos, eu não ia vir aqui de Brasil... Eu ia prá Nova Iorque, é porque eu tem irmão, irmã lá de Nova York... eu tava querendo ir, mas achei mais fácil prá ir de Brasil né ? ... Eu fui lá de embaixada na Síria.. que eles tava dando licença para povo de Barastina de povo... e eu vim... governo autorizou e eu vim aqui... ...Nós tava tudo moço, um vai pra Brasil, um vai pra Nova Iorque, um irmão foi pra Nova Iorque. Cada um vai pra ... Quer dizer, tudo moço novo. Pra melhorar a vida, porque a gente, na terra da gente, cidade, não tem aquele melhoramento. Então, eu foi pra Brasil, mas muito tempo já foi.”¹²⁰

Esta movimentação de pessoas da Palestina para outros países, descaracterizaram os controles alfandegários, misturando a nacionalidade palestina à outras, trazendo dificuldades no sentido de separar os palestinos desta massa de sírios, turcos e libaneses, trazendo carência de documentação

¹¹⁷ HAMID, S. C.; *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc P. 2

¹¹⁸ IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p 183. In Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.

¹¹⁹ Idem, Ibidem.

¹²⁰ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

e direcionando este trabalho quase exclusivamente na obtenção de fontes na oralidade. Houve uma grande dificuldade no levantamento documental e de dados numéricos da nacionalidade palestina, tendo em vista que a maioria chegou via Síria, e nos registros consta a nacionalidade síria, dentre outras como Líbano, Turquia, Iraque, ou Egito. No caso dos palestinos como seu Abdul, todos vieram com passaportes jordanianos. Isto também aliado à falta de literatura a respeito. Em termos numéricos. O IBGE os inclui entre sírios e turcos, dificultando enormemente a obtenção de dados demográficos dos palestinos em separado.

Corroborando com a constatação, ao ser indagado sobre o relacionamento com seus companheiros de viagem, seu Abdul nos conta que havia uma grande diversidade de nações árabes no navio. Na fala de Seu Abdul, é nítida a pouca importância dada para a nacionalidade, apenas foi dada importância ao “ser árabe”. Existe também a consciência da diversidade de nações, mesmo após a chegada ao Brasil.

“Tem, tem árabe e veio misturado. E ele fala, eu sou árabe e tchau e beijo nas crianças. A gente pode ter amizade. A gente tá conversando, e eu tô respondendo. É, navio tá tudo misturado. Você pergunta ei você veio de onde, e tá tudo misturado. Tá cheio isso aqui...”¹²¹

Em São Paulo, fica ainda mais difícil, pois não há uma comunidade somente palestina. A solução foi procurar nas comunidades árabes de São Paulo, e por meio de informação, localizar os palestinos.

“Ressalte-se ainda que a entrada no país deu-se por meio de passaporte jordaniano, tornando difícil qualquer possibilidade de se precisar o número de palestinos no Brasil. Buscando traçar uma estimativa, o presidente da Sociedade Palestina de Brasília, entrevistado por mim em 2006, sugeriu que aqui haveria, entre imigrantes e descendentes, cerca de 20.000 palestinos. Atualmente nas ciências sociais, são poucos os estudos que abordam precisamente a imigração Palestina e o seu processo de formação de identidade étnica no Brasil. Se as pesquisas históricas sobre a imigração síria e libanesa cristã do início do século passado gozam de numerosas investigações, a imigração Palestina muçulmana tem chamado a atenção de alguns poucos

¹²¹ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

pesquisadores concentrados no sul do país, local onde o número de palestinos tem se mostrado mais expressivo.”¹²²



Figura 27: Seu Abdul aos 85 anos e sua esposa Aparecida.
Fonte: Foto tirada pelo autor por ocasião da entrevista.

1. Profissão – Sobrevivência em uma terra estranha.

Segundo PAIVA¹²³, os perfis dos imigrantes árabes que chegavam a São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX, eram agricultores em sua maioria, no entanto, os imigrantes que chegaram entre 1950 e 1970 já possuíam habilidades mais voltadas para atividades urbanas e industriais. O seu Abdul se inseriu neste último contingente.

“Desembarcados no Rio ou em Santos, a opção de trabalho das primeiras levas dirigiu-se ao comércio. O objetivo da maioria dos

¹²² HAMID, S. C.; *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). In em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc Pag 2

¹²³ PAIVA, O. da C./Moura. S.; *Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 101 p. p. 58

jovens solteiros era fazer algum capital e para poder voltar a aldeia natal. Embora pobres e, em geral afeitos ao trabalho agrícola, o sistema da grande propriedade era um entrave para o estabelecimento no campo. Poucos foram os Árabes que após o desembarque dirigiram-se para a agricultura, havendo histórias de famílias nas quais isso ocorreu após formarem um pequeno capital no comércio facilitando a compra de fazendas.”¹²⁴

Seu Abdul desembarca em Santos com um amigo e a esperança de começar de novo em um mundo completamente diferente.

“Ailton: O senhor se lembra do nome do navio que o senhor veio para cá?

Seu Abdul: Não!

Ailton: Esse navio era da onde?

Seu Abdul: Não, eu vim de Egito eu peguei .. Alexandria. Depois peguei França...

Cida: Desceu aonde? Desembarcou aonde?

Seu Abdul: Em Santos... Todo mundo falava Brasil bom. Eu pra mim ia Estados Unidos, mas lá da trabalho...”¹²⁵

Seu Abdul estava consciente de que enfrentaria diversos desafios que o esperavam. Inicialmente, seguindo o seu amigo, resolveu acompanhá-lo até a cidade de Jatahy em Goiás, permanecendo na cidade por cerca de um mês. Sua intenção era comerciar nesta cidade, mas seu senso de comerciante não viu chance de progressos devido ao lugarejo ser pequeno e restrito em potenciais clientes. Sabendo da existência de dois tios na cidade de Garça em São Paulo, resolve então se mudar, enfrentando seu maior desafio: o idioma.

“Ailton: O senhor se lembra o nome desse amigo – que você foi com ele para Jataí?

Seu Abdul: Lembro! Abdul Ramah. Eu Abdul Fattah, ele é Abdul Ramah. Ele era meu amigo, mas acabou a amizade, porque quando foi lá, eu não consegui ligar aquela amizade, porque ele tava lá, e já tava firme. Quer dizer deve lutar... ...e depois eu sempre negocieiei com roupa também, né?”¹²⁶

¹²⁴ IBGE, Centro de Documentação e disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p 185. In Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.

¹²⁵ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011.

¹²⁶ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011.

Depoimento de sua esposa Aparecida:

“Então esse amigo foi prá Jataí, mas quando ele¹²⁷ se viu sozinho, sem parentes né? Ele sabia dos tios que estavam em Garça e ele foi para Garça por isso. Ele ficou um mês só em Jataí (...) Ele não lembra. Mas ele não falava nada, foi muito difícil até para ele ir para Garça.”¹²⁸

Imigrantes, como no caso de seu Abdul, começaram a vender suas roupas e montaram sua própria “mala” de mercadorias onde iam de casa em casa com uma clientela fixa, já vendendo a prestação, prática adotada também pelos mascates judeus e posteriormente pelo comércio em geral. Era costume chamá-los de “Turco da Prestação”¹²⁹. Quando de sua estada em Garça, sua freguesia era constituída de residentes nas fazendas da região. Com esta concorrência, os mascates portugueses, que eram muito rígidos em seus negócios, juntamente com os italianos, foram perdendo terreno nesta modalidade de vendas, denominada “Comércio Popular”¹³⁰

“O trabalho de mascate pelo qual muitos começaram no comércio já era exercido anteriormente por imigrantes portugueses e italianos, tanto em São Paulo como no Rio. Mas a mascateação, que se tornaria uma marca registrada da imigração Árabe, foi completamente alterada pelos recém chegados. (...) trabalho inicial com miudezas bijouterias (terços e jóias) expandida com o tempo e o acúmulo de capital, para tecidos, armarinhos, lençóis, roupas prontas, artigos que pudessem ser vendidos em lugares isolados ou nos vilarejos, sendo transportados dentro de uma mala ou em baús. O ideal era que cada mascate levasse nas viagens o máximo de artigos que pudesse carregar, citando-se casos em que alguns chegaram a levar 80 quilos de mercadorias.”¹³¹

Deve-se notar, que o idioma foi uma grande barreira para Seu Abdul, que foi de certa forma vencida graças à sua vocação para o comércio. Ao comentar com sua esposa a evolução no idioma, ela afirma:

¹²⁷ Referindo-se ao Seu Abdul.

¹²⁸ Entrevista realizada pelo autor em 06/112011.

¹²⁹ IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p 187. In Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.

¹³⁰ Idem

¹³¹ IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000, p 186. Artigo Imigração Árabe de Maria Lúcia Mott.

“(...) Mas lá ele convivia com muitos brasileiros, os tios dele tinham muitas amizades. Então ele aprendeu tudo... quase tudo... Falava igual agora, ele nunca progrediu (risos). Porquê ele nunca quis entrar numa escola. Olha que ele teve tanta oportunidade aqui perto de casa né? E ele não ia, o meu menino, o meu filho que mora no interior, queria ensinar, o outro também quando foram para a escola, eles queriam ensinar prá ele escrever as palavras. Que nada !!! Não queria ir de jeito nenhum. (risos)”

Ao chegar em Garça, passa a morar com os tios e estabelece uma sociedade para venda de roupas de porta em porta. Depoimento de seu ex-sócio Victor Stockunas:

“(...) mas ele em Garça, formou uma sociedade com dois tios dele. E ele sempre reclamou que... e ele me contava que os tios passavam ele para trás né? Imagine, três árabes né? (risos) Uma sociedade bem... né? Então ele sempre achava que... ou afirmava que os tios sempre deixavam ele pro lado.”¹³²

Sentindo necessidade de progresso e também na tentativa de realizar o sonho de ir para a cidade de São Paulo, Seu Abdul juntamente com outro amigo, resolve arriscar e se muda para a cidade grande. Motivados por melhora financeira e também pela realização de um sonho de Aparecida, o casal resolve mudar-se para São Paulo. Depoimento Aparecida:

“Também. Aqui a gente veio prá cá para São Paulo por causa também de um amigo e porquê eu sempre gostei de São Paulo né? Desde criança eu já ... nossa !!!”¹³³

Cidade constituída em sua maioria por imigrantes e seus descendentes, São Paulo tem características cosmopolitas em sua formação e em seu sotaque.

“(..) ainda hoje estão presentes na memória da cidade, em nomes de ruas, edifícios, praças, estabelecimentos comerciais e industriais: como os italianos Nicolau Scarpa, Francisco Matarazzo, Rodolfo Crespi, Puglisi Carbone, Giovanni Briccola, Alexandre Siciliano, Gaiuseppe Martinelli; os Árabes irmãos Jaffet e Calfat; alemães como Francisco Schmidt, Lutz e Müller;

¹³² Entrevista realizada pelo autor São Paulo em 06/11/2011.

¹³³ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011

os judeus Klabin e Weisflog; portugueses como Pereira Ignacio entre outros.”¹³⁴

No entanto a violência já era manchete nos jornais. Aparecida conta como a capital já era vista como cidade violenta naqueles tempos:

“Mas meu pai falava que ele não vinha morar porquê... nós viemos em três, três filhas né? Só um menino E aí ele falava que não vinha e assim lá tem esse jornal Estadão, desde que eu conheci meu pai ele recebia o jornal né? Estadão.... E vinha muita notícia ruim de São Paulo, cada notícia né? Até aumentavam né? Sei lá... Aí ele falava, não eu não vou morar em um lugar perigoso desse né? Porquê só tenho filha né e eu não quero ficar preocupado. Nunca quis morar aqui. Mas aí esse amigo nosso ele começou ah vamos e aí eu comecei a falar vamos mesmo né? (...)E foi assim que nós viemos né e ele veio primeiro com o nosso amigo e depois nós viemos.”¹³⁵

Seu Abdul, deu continuidade ao seu trabalho de comerciante, vendendo roupas de casa em casa. Sua esposa relembra:

“É, quando chegou ele vendia roupa. Eles não sabiam fazer outra coisa. Depois começou, entrou com loteria, né? A venda de roupa foi boa, tudo que nós conseguimos foi com venda de roupa e loteria é muito fraco e muito roubo, né? Muito fraco. Aquele tempo era o mesmo sistema do interior(...) aí ele vendia com o carro né? Ele tinha o carro, ele ia nessas vilas por aí e tinha as freguesias. É que nem vende as lojas, prestação agora. Acho que a loja aprendeu né? O costume (risos) e agora eles fazem a mesma coisa, só que eles não vão vender. Mas ele já tinha uma boa freguesia, naquele tempo o povo estava acostumado a comprar assim.”¹³⁶

Para ajudar o marido, Aparecida resolve também trabalhar, como vendedora em uma empresa chamada Circulo do livro, que vendia livros por catálogo. Estamos na década de 70, quando este tipo de vendas era uma inovação, pois a internet não passava ainda de ficção científica.

¹³⁴ SANTOS, C. J. F. dos; *Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza 1890-1915*. 3ª Edição. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008, p. 51

¹³⁵ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

¹³⁶ Idem

“Foi quando nós conhecemos o Victor. Aí que nós.... O Circulo do Livro. Eu fui trabalhar no círculo do Livro. O Victor era o supervisor né ? E depois aí compramos a lotérica né ?”¹³⁷

O seu ex-sócio, Victor, complementa em seu depoimento:

“O Seu Abdul eu conheci em 1976, eu trabalhava em uma empresa chamada Circulo do Livro e era supervisor de atendimento e a esposa do seu Abdul era uma das representantes do círculo, da minha área. Assim que eu conheci ele.(...)”¹³⁸

Esta amizade se transformou em uma sociedade, primeiro com produtos de beleza, depois se expande. Depoimento de Victor:

“Fomos sócios... 10, 12 anos mais ou menos, tivemos uma firma de representação de produtos de beleza, e depois disto, compramos loterias, fomos sócios em loterias esportivas, federal... Chegamos a ter 10 lojas aqui em São Paulo.”¹³⁹

Anos depois, Seu Abdul termina a sociedade com Victor, e se aposenta. O término desta sociedade deixou uma grande amizade entre os dois. Foi por meio desta amizade que se estabeleceu contato com o Seu Abdul.

¹³⁷ Idem

¹³⁸ Idem

¹³⁹ Idem

CAPÍTULO III – COMUNIDADE, FAMÍLIA, RELIGIOSIDADE

“A história não é tão consecutiva e cronológica como me haviam ensinado e como eu percebia. Há um paralelismo na história e coisas acontecendo ao mesmo tempo, ou mais do que isso, enquanto coisas estão acontecendo para um grupo, também estão acontecendo para outro”¹⁴⁰

1. Comunidade

Não seria difícil de entender, o grande afluxo de imigrantes para a uma cidade como a cidade de São Paulo. Uma cidade grande, cosmopolita, com muitas oportunidades, constituída por imigrantes e seus descendentes. Verificou-se que São Paulo não é o principal destino dos palestinos imigrantes, mas sim a região do sul do Brasil. Destaca-se a região gaúcha do Chuí, onde sendo uma área fronteiriça, sujeita a diversas intervenções dos órgãos de segurança do estado, onde normalmente um imigrante não se sentiria tão à vontade. JARDIM¹⁴¹, explica esta particularidade:

“No início do trabalho de campo, buscava entender a grande concentração de migrantes de origem árabe residentes em cidades de fronteira internacional. Chamava-me a atenção a presença de migrantes no Chuí, pois em uma área considerada como de segurança nacional, a presença de estrangeiros é alvo de constante vigilância por parte do poder público. Para entender a ocupação do Chuí, e o que fazem os migrantes na localidade, é necessário perceber o grande crescimento das atividades comerciais desde os anos 70. As atividades comerciais se beneficiaram da implementação de equipamentos que encenam a presença do poder público e, portanto, da presença do Estado. No Chuí, os equipamentos do poder público – serviços de telefonia, abastecimento de água e luz, bancos públicos, escolas e postos de saúde – permitiram transformar o ‘local’ em um símbolo do ‘nacional’.”

Uma característica de São Paulo também mencionada por PÓVOA¹⁴² é que em São Paulo nunca existiram “Guetos” de qualquer nacionalidade ou

¹⁴⁰ BONDER, N.; *Tirando os sapatos – O Caminho de Abraão, um caminho para o outro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. P 11.

¹⁴¹ JARDIM, D. F.; *Chuí: identidade étnica e a recriação das tradições palestinas*. Disponível em: <http://www.etni-cidade.net/chui-identidade-etnica-e-a-recriacao-das-tradicoes-palestinas/> acesso em 03/03/20013

¹⁴² PÓVOA, C. A.; *A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Humanitas, 2010.

etnia, como era comum em outros países. O que existiam eram bairros em que os imigrantes se reuniam devido a redes de nacionalidades e de parentesco¹⁴³. Em São Paulo, há uma característica que vai na contra-mão de outras comunidades do Brasil em que os árabes, incluindo os palestinos, tendem a se misturar com a população local, muito mais do que as demais nacionalidades, sem que esta mistura influencie em seus costumes da terra mãe.

O caso de seu Abdul é um exemplo, pois não deseja voltar à sua pátria e se considera brasileiro, e não pretende voltar à terra-mãe. Hoje, seu Abdul, já se considera brasileiro, aposentado, vive em suas propriedades, com filhos, esposa e netos.

“E eu agora não posso reclamar. Graças a deus com idade de 80 anos, (...) e eu agora não posso reclamar. Eu tenho casa prá morar, deu apartamento prá outro (...)eu, quer dizer, não sai de casa e disse Deus me olha, me cuida. (trecho em Árabe) Graças a Deus. (...) Quer dizer, eu... Deus... eu não posso reclamar. A gente tem que agradecer Deus quando tá bão.”¹⁴⁴

Um fato notável é que ao ser perguntado sobre sua cidade natal, Se Abdul menciona em tom de brincadeira que “...Minha cidade mudou nome, é São Paulo”¹⁴⁵

Questionado sobre se haveria intenção de sua parte voltar para a Palestina, Seu Abdul, ao contrário de muitos palestinos, não tenciona voltar para a sua terra, tendo assumido a identidade brasileira.

“É eu tá gostando de Brasil.Eu é, eu tenho amizade com todo mundo. Deus me ajudou. Não é grandeza. Tem casa em São Paulo.”¹⁴⁶

2. Relacionamento com a comunidade em São Paulo

Seu Abdul é uma pessoa tranquila, caseira, e não se relacionava muito com seus conterrâneos. Se adaptou muito bem ao Brasil. Ao ser perguntado

¹⁴³ PÓVOA, C. A.; *A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Humanitas, 2010. , p. 133

¹⁴⁴ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011

¹⁴⁵ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011

¹⁴⁶ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

sobres seu relacionamento com conterrâneos em São Paulo, seu Abdul nos dá uma boa ideia:

“Não.. Tem um Patricio.... Mas não tem... não tem tempo prá ficar perdendo, eu não gosto de ficar em casa de outro. Quanto menos, melhor. Quer dizer também minha cidade não tem... parente não tem... Tinha dois velho (Trecho em Árabe)¹⁴⁷ brimo meu, Irmão de minha mãe, morreu... Quando se encontra alguém, gente que é da Barastina, árabe, a gente cumprimenta, ele me cumprimenta, a gente conversa. Mas não tem tempo de ir à casa de um, à casa de outro.”¹⁴⁸

3. Relacionamento com o judaísmo em São Paulo

Nota-se nas entrevistas com seu Abdul, uma atitude política a respeito dos judeus, mas nas entrelinhas pode-se também notar uma certa mágoa.

“Judeus e árabes pra Deus é brimo. A gente acredita nele, mesma coisa que acredita ne cristo. Mulçumano acredita no cristo igual católico. Judeu acredita Mussa, os árabes acredita em Mussa¹⁴⁹ igual judeu.”¹⁵⁰

Em outra parte da entrevista, ao tocar novamente no judaísmo, seu Abdul foi bastante sincero em afirmar:

“Eu não gosto de judeu. Eu não gosto de judeu. ... Ó, presta atenção! Eu não sou um judeu, não sente bem de fala de judeu, eu não sinto bem... ... Então, eles foi, primeira coisa, ele matou cristo...”¹⁵¹

No Entanto, Aparecida faz uma observação bem interessante, a respeito do relacionamento no diálogo abaixo:

“Aparecida: Ele tá falando isso, mas aqui na Vila Alpina tem judeu, né? Quando se encontram, o senhor precisa ver. É a maior “lambeção”.
Seu Abdul: Não! Mas tem judeu que é amigo. Mesma coisa eu e você. Se nós aqui tem amizade, não tem nada a ver com isso.
Aparecida: Aqui então, cê não gosta do judeu que mora lá...

¹⁴⁷ Durante a entrevista, por diversas vezes inseriu palavras em árabe e em Inglês.

¹⁴⁸ Entrevista realizada pelo autor em São Paulo em 06/11/2011

¹⁴⁹ Moisés em árabe.

¹⁵⁰ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

¹⁵¹ Idem

Seu Abdul: Lógico...porque judeu que mora aqui ... então nossos somos amigo porque estamos aqui.... ...Eu não gosto de judeu. Boca fechada não entra mosquito. Boca fechada não arruma inimigo, certo? Arruma amigo. Quando você tá quieto, calado, fechado, muito melhor. Nós estamos aqui conversando, e num é pra prejudicar ninguém, né? Nós tá conversando o que tá acontecendo. Agora chega perguntando quem é você, eu sou o tal tal, ai entra religião, ai começa a bagunça, então você, eu estou acostumado, eu era moleque, eu entrava na casa da família Assis¹⁵², entrava conversava, aqueles barba cumprida, ensinando o outro como é viver, e na cidade tem família com outra família. “¹⁵³

4. Religiosidade

Quando se fala em Palestina, a identidade não pode ser definida por religião, raça ou nacionalidade, pois embora a maioria pratique o islamismo, existem palestinos drusos, católicos, e de outras religiões. A única coisa que pode definir a identidade Palestina é a região onde nasceram e viveram seus antepassados.

Ao chegar em Garça, seu Abdul conhece sua atual esposa Aparecida, nascida em Pirajuí SP, indo para Garça aos 17 anos. Oriunda de família católica, apresenta ao Seu Abdul um dos obstáculos a ser transposto: A religião; portanto, por exigência da família da noiva, ele se converte ao Cristianismo:

“(..)E aí ele foi morar perto da minha casa né? E essa família que ele morava perto, a gente era muito amigos e eu ia muito lá, na casa deles, né dessa família.. e até hoje eles moram em um mesmo lugar. E aí eu fiquei conhecendo, a gente ficou se conhecendo por isso. Mas aí teve um problema porquê eu sou católica, eu sou católica praticante. Minha família é toda católica e não deixa a religião por nada. E ele era... é Muçulmano¹⁵⁴. E então minha mãe não queria nem saber. Minha mãe aprontava, era dessas mulheres que aprontava mesmo. E aí lá na paróquia lá da cidade, teve um padre que era desde... nascido lá da cidade. E tinha sido recebido o título de... Um título mais alto do que padre, Monsenhor. E tinha ido embora, e o povo se revoltou e não aceitava nenhum padre que ia prá lá né ? Então o Bispo conversou com os missionários de Aparecida, porque os missionários não podem... não ficavam em paróquias, não tomavam conta de paróquia e só faziam missão. Mas o bispo explicou a situação e eles então tomaram conta da paróquia. E

¹⁵² Família de Judeus que se relacionava com a família de seu Abdul, residente na mesma comunidade.

¹⁵³ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

¹⁵⁴ Grifo do autor.

eles já tem um dom diferente de padre e conversaram ficaram sabendo, eu mesma contei, para o padre. Ficaram sabendo então, conversaram com o Abdul e ele aí já falava melhor. Então ele aceitou de fazer o catecismo, fazer a comunhão, a primeira comunhão, se batizou. Porquê senão não casava mesmo comigo. E aí a gente foi.... por isso que deu certo.....”¹⁵⁵

Embora de origem islâmica, seu Abdul não vê obstáculos em se “converter” ao cristianismo para se casar, no entanto ele continua praticando até hoje as suas leituras do Alcorão. Destaca-se no sublinhado do depoimento acima, a dificuldade de Aparecida determinar a religião do marido:

“Coitado do padre. Ele falava a menos do que agora. Nossa, e o padre era um missionário de Aparecida, eles são muito dedicados. E um chegou lá de onde a gente morava tava tomando conta da Igreja, né? Nossa, aí o Missionário fez tudo, ensinou tudo para ele. Mas depois ele fala que não sabe ler, que não sei o quê. Mas ele não abusa e sempre ia comigo na missa, né? Na dele ele não vai.”

A afirmação de Aparecida mostra esta absorção cultural de Seu Abdul, que a acompanha na Igreja, e não frequenta à Mesquita, no entanto alguns preceitos ainda são praticados pelo Seu Abdul. Ao ser questionado sobre a sua prática Islâmica e a quantidade de orações a serem realizadas pro dia, seu Abdul afirma:

“Não, é, sabe o que acontece? Eu não vou porque se eu vai tem que todo dia você ir... .. É... quatro horas da manhã. Tem que levantar cedo antes de nascer o dia. Um duas, horas, mais ou menos, tem que você tomar banho, lava mão, lava rosto, e se você vai lá de banheiro, você tem que lavar tuas partes, tanto em baixo quanto, tem lavar tudo. Isso aqui é cinco tem que fazer, tem que saber, lavar mão, lava rosto. Isso não é obrigação seu, quer dizer você vai saber rezar, você tem que saber lavar, daqui a aqui, lava o b, certo? Vai lá de banheiro tem que lavar parte de baixo e de cima, mas tem gente que quase isso aqui não é, gente vai de amanhã cedo hoje, tem gente que aguenta até amanhã. Mas interessante, você vai rezar,. Eu tá de preguiça, vou lá começo a rezar, ela é católico¹⁵⁶, ela não sabe que tá pedindo pra Deus, é grande. Se você entra numa casa escura fala o nome de Deus. Deus é bom e tudo. Quer dizer tem muita

¹⁵⁵ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

¹⁵⁶ Referindo-se a Aparecida.

coisas que a gente usa, né? Mas pra você aprender a rezar, é fácil aprender, pode aprender, mas tem que escrever palavra que você até usa ela, que você usa ela em português para transcrever em árabe, agora nome. Nome de Deus, né? Agora você tem isso aqui, nome de Deus uma palavra pra três em português é difícil, porque você tem que descobrir a palavra. Então, a gente vai usar uma palavra de outra língua e coloca ela em.. então tem que usa ela diferente, né?”¹⁵⁷

Ao ser interpelado sobre o Alcorão, Seu Abdul comenta:

“É eles fala muito de Cristo. Eles fala de Mussa¹⁵⁸, de tudo eles veem santo. Não matou ele¹⁵⁹. Não crucificou ele. Não fez nada ele. Deus diz que subiu ele pra cima. Mas isso aqui é coisa certíssima, ele é santo. E filho de Deus como eles fala, e vai lá judeu, mata ela, eles não mato ela não, entende, a lei de Deus diz que um deles subiu pra cima e Cristo não matou. Um deles subiu e matou. É, muda porque a palavra de ... é muito publicada. Certo? É, bom dia, boa tarde, beijinho nas crianças, né? O Alcorão fala, antes de você dormir tem que rezar para você dormir e não sonhar com coisa feia. Então tem que fazer nome de Deus, quer dizer, quer dizer bom, duas palavras de Deus, tem que falar. Entra na casa escura tem que falar (oração em árabe) quando dormir tem que falar, rezar, quer dizer nós fala quer dizer a palavra de Deus... ... A hora que for dormir tem que falar, tem que rezar. Isso é palavra. Se você viu assombração, se você viu coisa feia, mesmo sonhando dentro de casa, então você pode rezar isto... ...Você tem que saber até quando falar a palavra, você está falando a palavra de Deus e se nenhum palavra feia. Quer dizer tudo é palavra de Deus, tudo tem que ser respeitado.”¹⁶⁰

Após pesquisa segue abaixo oração mencionada pelo Seu Abdul no trecho acima:

“Árabe:

اَقُلْ اَعُوْذُ بِرَبِّ النَّاسِ

مَلِكِ النَّاسِ

اِلٰهِ النَّاسِ

مِنْ شَرِّ الْوَسْوَاسِ الْخَنَّاسِ

الَّذِي يُوَسْوِسُ فِي صُدُوْر النَّاسِ

مِنْ الْجَنَّةِ وَ النَّاسِ

¹⁵⁷ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

¹⁵⁸ Moisés

¹⁵⁹ Referência aos judeus terem matado Jesus, na Surata 4 do Alcorão que diz “E por terem dito: “Matamos o Messias, Jesus filho de Maria, o Mensageiro de Deus”, quando na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito.” Fonte: CHALITA, M.: *O Alcorão (tradução)* Rio de Janeiro: Associação Cultural internacional Gibran.

¹⁶⁰ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

Transliteração:

- 1 Qul a'uzu birabbi-nas
- 2 Maliki-nas
- 3 Ilahi -nas
- 4 Min sharril waswasil khannas
- 5 Allathee yuwaswisu fee suduri-nas
- 6 Mina aljinnati wa-nas

Tradução:

- 1 Diga: Amparo-me no senhor dos humanos
- 2 Reis dos humanos,
- 3 Deus dos humanos,
- 4 Do mal do sussurro daquele que se oculta
- 5 Que sussurra no peito dos humanos,
- 6 Dos gênios e dos humanos.”¹⁶¹

5. Família

Seu Abdul tem uma grande capacidade de não se prender aos vínculos do passado, e mesmo com seus irmãos. Existe uma possibilidade de este desprendimento ser originado por sua grande capacidade de adaptação à novas situações. Ao ser questionado sobre sua família, existem desavenças comuns a famílias ocidentais. Seu Abdul soube de um terreno de posse da família na Palestina, que provavelmente já foi incluído em algum assentamento, devido à política agressiva de tomada de território sendo posta em ação pelos Israelenses.

“Nós têm um pedaço de terra, né? Perto de montanha. E lá tem bastante judeu, soldado. E ali foi um barente nosso, e eles pediu pra assina, ai eles me contou que foi lá e perguntou se tem mais um... e tem um cara de família, ele mandou assinar. Ele assinou. Isso aqui pedaço de terra, né? Eles tem bastante soldado de judeu e aqui lá nós tem um pouco de terra. Tudo pedrado. E tem lá bastante judeu.... ... Eu queria visitar lá. O que eu tenho de novidade é que meu pai faleceu e eu tenho propriedade lá....”¹⁶²

¹⁶¹ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Al-Nas>

¹⁶² Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

SCHEHADEH¹⁶³ relata as dificuldades que existem para que os palestinos readquiram o direito de posse sobre suas terras.

“Um palestino só tem direito de propriedade da terra em que reside. Se ele a deixa, por qualquer que seja o motivo, ela não mais lhe pertence e “volta a pertencer” àqueles a quem o sistema israelense considera os donos originais e legítimos, os donos da “Judeia e Samaria” o povo judeu, onde quer que estejam. O abandono, que começou como um imperativo econômico em algumas instâncias e como uma escolha em outras havia adquirido implicações legais e políticas com terríveis consequências.”¹⁶⁴

Para a retomada da posse deste terreno, seria necessário que todos os irmãos se unissem e entrassem com um processo com poucas chances de sucesso, mas há uma grande dificuldade de comunicação entre eles, devido à distância e algumas desavenças do passado, que os entrevistados não quiseram mencionar.

“Apparecida: Eu acho que ele tem um irmão aqui, no Mato Grosso, né? Mas aí eu escrevi pro irmão, pra ver o que a gente pode fazer, mas ele não respondeu a carta. Ele ficou sentido com coisa que já passou, né? Ele escreveu, né? Mas não responderam a carta. Antes de nós vim pra cá, não sei se agora ligaram ou responderam. Mas até agora nada. É fogo, viu seu Ailton!

Seu Abdul: Depois. Mais novo de que eu. Eu sou o mais velho de todos. Ah, não, porque daí já é de outro lado, né? Quer dizer, quando não é gente da família, de cidade, né? Às vezes nem conhece todo mundo. Como agora, eu não conheço, nunca fui lá, né? Quer dizer, não tem aquele gente que você conhece, aqueles velhos já ficou na curva. Então não tem mais... Eu foi lá e meu pai não tá, foi lá e meu tio não tá, outro tio não tio não tá, não achei nenhum. Eu tenho é, propriedade, meu pai deixou. E eu como não tem sorte, caiu e eles tão segurando., isso aqui não me deixaram escapar. Eu tá querendo ir lá só pela propriedade, mas muito difícil vende propriedade. Você é dono? Mas tenes irmão, então ninguém compra. E eu como filho mais velho e meu pai faleceu, não sei como vou fazer, né? Então o negócio é isso.”¹⁶⁵

¹⁶³ SCHEHADEH, R.; *Caminhos Palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009

¹⁶⁴ Idem p. 35

¹⁶⁵ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

Em 1999, seu Abdul tentou visitar a sua família na Palestina, no entanto, seu visto foi negado pelas autoridades israelenses. Foi então que Seu Abdul providenciou sua cidadania Brasileira, que resolveu o problema em parte, pois mesmo com passaporte brasileiro, o seu nome o traía. A solução foi viajar para Aman na Jordânia, na casa de um primo e aguardar a visita de sua mãe que era viva na época e suas irmãs.

Falando de sua família, o diálogo abaixo é auto-explicativo:

“Seu Abdul: O meu irmão foi lá na América, né? E nunca voltou. Dois. Eu tenho um mocinho mais caçula, tá em Nova Iorque. Até já foi lá. Ele tem loja em Nova Iorque. Tá bom, ele tá contente. Quase não tenho mais ligação com ele, diz que tem mulher dele. E eu como aconteceu comigo isso aqui, não tô precisando de dinheiro, não tô precisando de nada. Respeito todo mundo.
Ailton: Quantos irmãos o senhor tem?
Seu Abdul: (contando nos dedos) Hanin, Abdel Haman, Abdel Kader, Abdel Rafik, quatro. Eu, cinco.
Ailton: E eles estão todos fora da Palestina?
Seu Abdul: Ééé... o caçula em Nova Iorque. Abdel Haman, quer dizer, não sei onde foi, pro Brasil, encontrei um aqui no Brasil algumas vezes. Rafik tá em Nova York. Quer dizer, tá tudo por perto, né? Quer dizer, o único que tá perdido é outro Hermano. Não soube negociar, não soube... Muito... prejudicado coitado.
Ailton: E o senhor ainda se corresponde com a família do senhor lá, não?
Seu Abdul: Não, agora meu pai faleceu. Minha mãe faleceu. Quer dizer, eu tenho irmã lá. Irmã em árabe não é como... Elas têm família dela, então, ...tem família que é marido e o filho dela. Se você é irmão, parente, você vai procurar a mesma coisa que você é hoje. Ah e o primo, como é que vai? Tá tudo bem?
Ailton: Ah! Entendi, então quer que dizer que a irmã quando casa, ela, realmente, assume a outra família?
Seu Abdul: Sim, outra família, mas ela não larga a família. Tem parente em todo o lugar e um vai de outro porta, não desliga, não. Só as vezes, que a gente tá longe e tá de saco de cheio.
Ailton: Quando o senhor veio para cá, tinham uns tios do senhor que moravam em Jataí, não é isso?
Seu Abdul: É, tem dois tios. Os dois morreu.
Ailton: Ah, já morreram os dois?
Seu Abdul: Já morreu...
Ailton: Ah, e eles já chegaram aqui antes? Já estavam aqui antes do senhor?
Seu Abdul: É, eles vinham antes de que eu”¹⁶⁶

¹⁶⁶ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

Para não dizer que não existiram desavenças internas entre os palestinos, houveram também conflitos internos entre famílias. Seu Abdul nos conta a história de uma rivalidade de sua família com outra.

“Uma vez nossa família brigou com outra família, faz tempo, né, e não sei quanto uns matou os outros de lá, não sei quantos, um, dois três homes. Ele chegou pra entrar no mesmo lado de família, né, ai ele falou vamos entrar lá pra fazer o que eles que fazer. Ai pego assim e matou três caras, ai ele se mandou. Pegou tudo da casa e vamos embora.”¹⁶⁷

¹⁶⁷ Idem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, Seu Abdul encontra-se em sua casa em Praia grande SP, recuperando-se de uma queda, que provocou a quebra de ossos (Fêmur e bacia). Sua estada no hospital causou grandes problemas de lapsos de memória, devido também à sua idade avançada. Não assiste mais aos noticiários, nem tem muita ideia do que está ocorrendo em sua terra natal. Não se considerando um refugiado, mas um imigrante e cidadão brasileiro. Faz um balanço bem positivo de sua vida e considera-se um vencedor. Resume sua vinda e as dificuldades com o idioma:

“Tem que aprender. Por que não aprende? O outro fala. Você tem que aprender. Vai aprender, vai lutar. Vai sofrer. Para você ganhar alguma coisa, você tem que lutar. E a honestidade, responsabilidade, isso que vale. Você é um homem de confiança, quando passa o povo fala esse é de confiança, esse não, caloteiro. E agora vai escolher, tudo nos vai morrer. Aonde vai ninguém sabe, ninguém voltou pra contar. Nenhum. Pode ser paraíso, inferno, num sabe. Até hoje nenhum deles voltou na porta de casa, igreja e mesquita. Eu não vi ninguém falar. A única coisa que valeu honestidade nós, a gente sabe conversar com o outro, respeitar, procura a palavra correta, honesta série, aí a gente vale. Quando as coisas é fraca, não vai pra lugar nenhum. Num vorta, não vai pra frente, num vai pra trás, tudo as coisas certa têm valor, tem tudo. Como gente procura saber direito, tranquilo. Eu sou graças à Deus, eu num da prejuízo pra ninguém.”¹⁶⁸

Seu Abdul foi um exemplo bem sucedido, por conta da sua grande capacidade de adaptação e uma grande facilidade em romper os laços com o passado. Existem muitos exemplos de situações que não foram bem sucedidas e situações, em que embora os imigrantes estejam bem financeiramente no Brasil, a vontade de voltar para uma nação de palestinos ainda continua forte. Há também o desejo de morrer e ser enterrado na terra santa. Infelizmente devido ao tempo de apenas dois anos para escrever esta dissertação, não houve tempo de analisar estes casos com maior profundidade.

¹⁶⁸ Entrevista realizada pelo autor em 06/11/2011

Analisando a atual situação no Oriente Médio, podemos concluir, que muito pouca coisa mudou, os palestinos conseguiram divulgar seus problemas, conseguiram uma mudança em seu *status* na ONU em 29 de Novembro de 2012 de “Entidade Observadora” para “Estado Observador não membro”.

“Por 138 votos a nove, a Assembleia Geral da ONU aprovou nesta quinta-feira uma ascensão do status dos palestinos nas Nações Unidas, de "entidade observadora" a "Estado observador não-membro"

O Brasil está entre os países que votaram a favor da medida, que precisava apenas de maioria simples para ser aprovada. A maior oposição veio de EUA e Israel, que estão entre os nove membros que votaram contra. Os países que se abstiveram somam 41.

O pleito se segue a uma fracassada tentativa dos palestinos de integrar a ONU como membros permanentes, em 2011, quando não obtiveram apoio do Conselho de Segurança da ONU. O presidente palestino Mahmoud Abbas disse mais cedo que essa seria a "última chance" de uma solução para o conflito com Israel. Ele havia solicitado que a comunidade internacional desse uma "certidão de nascimento" para a Palestina

Que impactos essa mudança - cujo caráter é majoritariamente simbólico - deve ter nas relações entre israelenses e palestinos e no pleito destes por um Estado próprio?

Entenda no guia abaixo:

O que a mudança de status significa?

A decisão desta quinta dá aos palestinos o status de "Estado observador não-membro", semelhante ao do Vaticano perante a ONU.

O novo status é principalmente simbólico, mas a liderança palestina argumenta que ele ajudará a delimitar o território que quer para seu Estado próprio - gradativamente tomado pelo avanço dos assentamentos israelenses. Também pode ajudar que essa delimitação de território ganhe reconhecimento formal.

O embaixador palestino na ONU, Riyad Mansour, havia dito que a aprovação é "um passo muito importante para salvar a solução de dois Estados".

A mudança também significa que palestinos poderão participar dos debates da Assembleia Geral da ONU, aumentando suas chances de integrar agências e entidades ligadas à ONU.

Talvez o maior temor de Israel seja o de que palestinos usem seu novo status para entrar no Tribunal Penal Internacional e tentar acionar Israel judicialmente por supostos crimes de guerra cometidos em territórios ocupados, como na Cisjordânia.

Israel classifica a iniciativa palestina de uma violação dos Acordos de Oslo (1993), que traçam caminhos para a negociação bilateral (atualmente interrompida) de paz.

Quem ganha politicamente?

palestinos haviam tentado status maior na ONU no ano passado

A aprovação do novo status na ONU é uma vitória diplomática de Mahmoud Abbas, o líder da Autoridade Palestina e principal força política na Cisjordânia.

A vitória lhe dá cacife num momento em que o líder estava escanteado diante do fortalecimento político e militar do rival Hamas (grupo islâmico que controla a Faixa de Gaza) entre os palestinos, enquanto Abbas tinha pouco a comemorar com suas políticas mais moderadas.

No entanto, mesmo com a vitória desta quinta, Abbas precisará de muito mais para obter o Estado palestino. Quando acabarem as comemorações do novo status, o líder terá que rever sua estratégia política para colocar em prática o anseio por um Estado palestino.

O que querem os palestinos?

Os palestinos tentam há tempos estabelecer um Estado soberano na Cisjordânia, que incluía Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza, seguindo o traçado de antes da Guerra dos Seis Dias (em 1967, quando Israel ocupou territórios reivindicados pelos palestinos).

Os Acordos de Oslo, entre a OLP (Organização pela Libertação da Palestina) e Israel, levaram ao reconhecimento mútuo. No entanto, duas décadas de conflitos intermitentes desde então e a ausência de consenso em temas-chave impediram um acordo permanente. A última rodada de negociações terminou em 2010. Com o impasse nas negociações, a liderança palestina passou a buscar o reconhecimento individual dos países de um Estado palestino. Essa é a principal razão por trás do atual pleito na ONU.

Em setembro de 2011, Abbas tentou obter o status de membro pleno da ONU, mas a tentativa não passou pelo crivo do Conselho de Segurança do órgão. Abbas tentou, então, um status menor, o de não-membro observador.

Quais são as divergências?

O reconhecimento diplomático palestino dá força simbólica ao pleito por um Estado que siga o traçado pré-1967 e às negociações de paz com Israel.

No entanto, o premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, rejeita essa noção territorial como base para as negociações, descrevendo-as como "não realistas", já que grande parte dos territórios hoje reivindicados concentram grande população de judeus em assentamentos (considerados ilegais sob a lei internacional).

Outros temas-chave sobre os quais não há acordo entre israelenses e palestinos são o status de Jerusalém Oriental e o retorno de refugiados palestinos.

Para Israel, o novo status palestino na ONU é uma medida "unilateral" que viola os termos dos Acordos de Oslo.

Quem deve apoiar ou rejeitar o novo status palestino?

Áreas de assentamentos judaicos na Cisjordânia são reivindicadas pelos palestinos

A reivindicação por um novo status na ONU não engajou os palestinos da mesma forma que em 2011. O novo status tem o apoio do Fatah, movimento secular que, com a Autoridade Palestina, administra a Cisjordânia.

A proposta foi inicialmente criticada por líderes do Hamas. No entanto, após os oito dias da recente ofensiva israelense em

Gaza, o líder político do Hamas, Khaled Meshaal, elogiou a iniciativa do rival Fatah.

Em âmbito mais amplo, os 22 países da Liga Árabe também apoiaram a Autoridade Palestina.

A maior oposição vem de Israel, que tentou dissuadir Abbas ameaçando-o com a suspensão da coleta de impostos na Cisjordânia. Um documento vazado da Chancelaria de Israel sugere que se discutiu inclusive a derrubada de Abbas - mas a medida é considerada improvável por analistas, a não ser que o líder palestino use o novo status para tomar passos mais drásticos, como pressionar Israel no Tribunal Penal Internacional.

Nos últimos dias, autoridades israelenses indicaram que colocariam em vigor sanções contra os palestinos.

Os EUA, principais aliados de Israel mas também doador à Autoridade Palestina, também pode impor alguma sanção financeira.

Na Europa, outras nações que também financiam a AP também temem os desdobramentos da estratégia palestina. Só 9 dos 27 países-membros da União Europeia reconhecem a Palestina bilateralmente.¹⁶⁹ “¹⁷⁰

Por outro lado, a região da Cisjordânia é atualmente cercada por muros e estradas são construídas sem que lhes seja permitido o uso. A outra região demarcada, a faixa de Gaza, possui cidades que estão em escombros, lembrando as cidades alemãs bombardeadas na Segunda Guerra Mundial.



Figura 28: Inferno na Faixa de gaza.

Fonte: <http://www.legal.adv.br/20090106/inferno-na-faixa-de-gaza/> Acesso em 24/09/2012

¹⁶⁹ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127_palestinos_onu_pai.

¹⁷⁰ Foram feitas diversas tentativas de resumir o texto, porém, iria tirar o sentido. Razão pela qual se manteve o texto longo, como se apresenta.

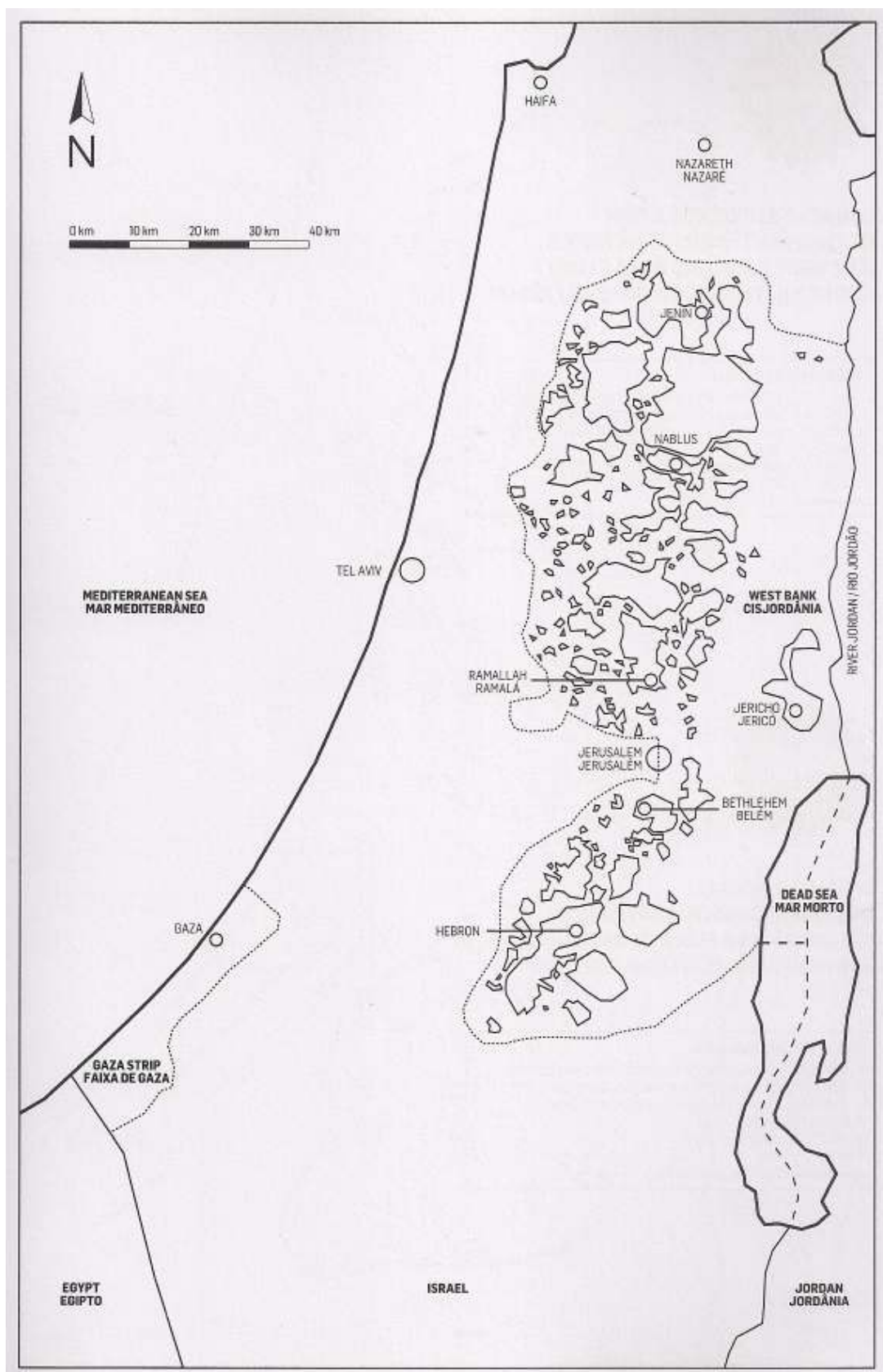


Figura 29: "O Arquipélago da Palestina"

Fonte: COELHO, N.; KERSHAW, A.; *Uma terra sem gente para gente sem terra*. Guimarães – Portugal: Rocha Artes Gráficas, 2009, 247 p.

“Neste momento, a Palestina é um território descontínuo e constantemente interrompido composto por “cidades estado”, que funcionam autônomas umas das outras. É de facto um imenso “arquipélago” onde, no seu todo, não há livre circulação. A esmagadora maioria da população não pode sequer sair livremente de sua cidade desde o início da segunda intifada em 2000”¹⁷¹

Até hoje, por onde passam, os moradores dos territórios palestinos são revistados, a polícia israelense utiliza todos os métodos de repressão contra eles. Em 2002, no governo do primeiro ministro israelense Ariel Sharon, começou a construção de muros, com a justificativa de estar defendendo seu estado de palestinos suicidas. Este muro, não se destina a dividir as regiões palestinas das árabes, mas foi construído em meio à cidades, obrigando os palestinos a serem revistados e a mostrar seus documentos em uma simples caminhada de um bairro ao outro, criando, dentre outros problemas, hiatos de memória.

“Hoje, dada a construção e expansão dos assentamentos israelenses na Cisjordânia, a construção do muro mais horroroso que a humanidade já viu, com 650 km de extensão, chegando a nove metros altura, alocado quase que inteiramente sobre o território palestino de modo que anexa 9,5% da Cisjordânia ao território israelense, e dado, finalmente, o controle israelense absoluto do Vale do Jordão, o que resta, na melhor das perspectivas, para um futuro Estado palestino, é nada mais que 12% da Palestina histórica. Ou seja, somando-se as terras fragmentadas e entrecortadas por assentamentos israelenses e estradas exclusivamente sionistas, chega-se ao traçado de um futuro Estado palestino. Na verdade ele não passaria de um conjunto de bolsões territoriais, que no regime de Apartheid da África do Sul, recebiam o nome de bantustões.”¹⁷²

O muro foi considerado ilegal em 2004, e considerado pela ONU uma forma de Israel anexar os territórios palestinos à sua área, pois começaram a

¹⁷¹ COELHO, N.; KERSHAW, A.; *Uma terra sem gente para gente sem terra*. Guimarães – Portugal: Rocha Artes Gráficas, 2009, P. 4

¹⁷² CLEMESHA, A. E.; *Os últimos dos excluídos*. Caros Amigos, São Paulo, p. 14 - 15, 01 maio 2009.

ser criadas torres nessas áreas e assentamentos judeus, o que prejudica o desenvolvimento dos Árabes- palestinos.

“Diz o velho ditado americano que “boas vedações fazem bons vizinhos”. Esta frase talvez não se aplique à barreira que Israel se encontra a construir na Palestina, por ela poder ser tudo, excepto “boa”. Também conhecida por “muro de Apartheid” por aqueles que se opõem à sua construção, atraiu muita atenção dos media provavelmente pela sua escala difícil de ignorar. Obviamente o seu maior paralelo histórico será o Muro de Berlim que tinha 155 km de comprimento. O Muro da Palestina, ainda em construção, é esperado que alcance cerca de 723 km, sensivelmente a mesma distância entre São Paulo (SP) e Vitória (ES). A altura média do Muro de Berlim era de 3,6 metros. A altura máxima do Muro da Palestina é de 8 metros. Ainda não é certo se as pequenas secções em vedação, com cerca de 6 metros de altura, são fases efetivas ou temporárias da barreira que se prepara para ser quatro vezes mais comprida e com mais do dobro de altura que o Muro de Berlim. Mas a leitura desta linha de segregação não é assim tão simples. Somando ao muro de cimento armado e materiais de vedação usados na construção da estrutura, secções da barreira de separação de Israel incluem vedações eletrificadas, fossos de dois metros de profundidade, estradas para uso exclusivo de veículos de patrulha, sensores electrónicos para a própria vedação e para o solo, câmeras de vídeo ultravioletas, veículos aéreos telecomandados, torres para atiradores (como a que está representada na ilustração) e arame farpado. O Muro foi projetado para ser, pelo menos, três vezes e meia superior à linha de fronteira internacionalmente reconhecida de Israel. O traçado sinuoso do Muro atravessa diretamente aldeias palestinianas, separando famílias dos seus jardins e terras de cultivo, muitas vezes obrigando à demolição certas casas que se encontrem no caminho. Só na cidade de Qalqiliya, completamente cercada pelo Muro exceto num único ponto, mais de metade das terras e um cerca de um terço das reservas de água foram confiscadas pelos israelitas. Um cenário muito semelhante acontece em Belém. O Tribunal Internacional de Justiça decretou que é ilegal a construção do Muro, que muito raramente é coincidente com a fronteira internacionalmente reconhecida e que está cravado bem dentro de território Palestinno. Seja qual for o território que Israel decidir confiscar, os israelitas continuarão a manter o controle dos palestinos, pois estes encontrar-se-ão sempre encurralados, sem acesso direto J Jordânia.”^{173]}

¹⁷³ COELHO, N.; KERSHAW, A.; *Uma terra sem gente para gente sem terra*. Guimarães – Portugal: Rocha Artes Gráficas, 2009 p. 11

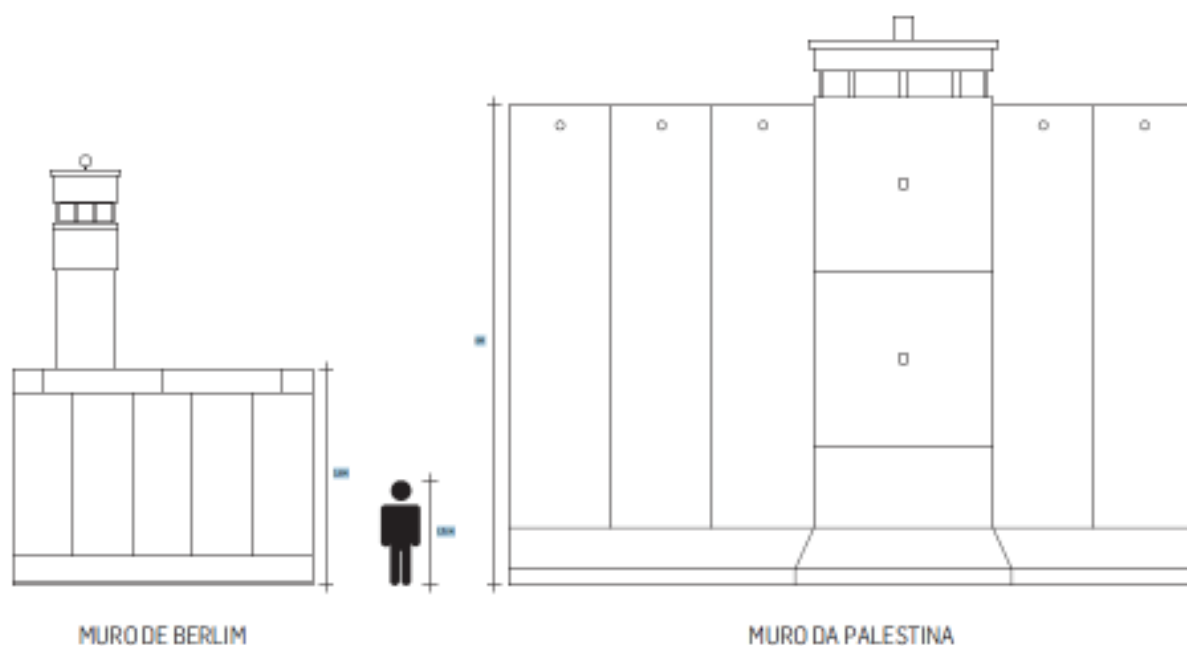


Figura 30: Comparação entre o muro de Berlim e o da Palestina.
 Fonte: COELHO, N.; KERSHAW, A.; *Uma terra sem gente para gente sem terra*. Guimarães – Portugal: Rocha Artes Gráficas, 2009, Pag 11

Considerado um símbolo de segregação, o que mostra uma vontade quase que concretizada de separar ainda mais a nação palestina de seus territórios e ainda com tentativas de aumentar as áreas israelenses de forma sub reptícia. Por este e outros motivos muitos deles emigram para outros países, na esperança de respirar um pouco de liberdade.

“Os sionistas aceitaram o princípio da partilha. Era normal. Não tinham nada a perder. (...) De seu lado, os Árabes rejeitaram a partilha em seu próprio princípio. Não podia ser de outra forma. A Palestina era sua pátria, cuja participação não podiam aceitar.”
 174

Hoje, como parte da luta pela preservação da identidade, é empreendido pelos palestinos remanescentes, um grande esforço na manutenção da sua cultura, principalmente na educação, com bons resultados.

“O povo palestino apresenta um dos maiores níveis de escolaridade e a menor taxa de analfabetismo do mundo Árabe e atribui, tradicionalmente, grande ênfase à educação como chave para um futuro melhor. A histórica valorização Palestina da educação formal se depreende da sua condição de

¹⁷⁴ FAYEZ, A.; *Sionismo na Palestina*. Rio de Janeiro: Delegação da liga dos Estados Árabes, 1969. p.51

refugiados. É a sua dispersão – *shatat*, em Árabe -, desde 1948, que explica por que adquirir uma boa educação se tornou um bem tão valorizado: ele é móvel, não depende da posse das terras, da propriedade, da casa, e constitui o meio mais importante para a manutenção do Status social e da integridade humana.”¹⁷⁵

Para fins de estudo, separei os palestinos em três grupos distintos;

1 - Os que nasceram no Estado de Israel e exercem uma cidadania parcial, vivendo entre muros e em constante medo.

2 - Os que saíram de Israel, que estão vivendo uma diáspora.

2 - Aqueles que se revoltam e lutam contra a invasão em suas terras, são os chamados terroristas, homem/mulher bomba e outros (após a construção dos muros os atentados diminuiriam).

“Após quase dois mil anos de vagueações e perseguições, o longo exílio dos Judeus da antiga Terra Prometida, oficialmente chegara ao fim. Mas a luta por um estado judeu independente e soberano ainda não havia terminado. De fato, em muitos sentidos era apenas o começo” ¹⁷⁶

Fatos que agravam ainda mais os problemas em Israel são o tamanho tão pequeno da região, além de dificuldade em abastecimento de água e a reunião de lugares sagrados em um local que tem mais ou menos o tamanho do Estado de Sergipe. Reconhecendo as palavras do autor Márcio Scalercio¹⁷⁷ pode se dizer que:

“ a área em questão corresponde a 20.700 km² (Israel e os territórios ocupados: Faixa de Gaza, Cisjordânia e colinas de Golan)”¹⁷⁸

Criar um estado palestino para estes seria dar uma condição de cidadão a eles, que até hoje não possuem o direito de uma vida digna. Vale salientar

¹⁷⁵ CLEMESHA, A. E. 1 . *Uma educação para preservar a identidade*. Biblioteca Entre Livros, São Paulo, p. 36 - 41, 01 mar. 2006. P. 36

¹⁷⁶ DOLAN, D.; *Guerra santa para terra prometida: a luta de Israel para sobreviver no Oriente Médio*. São Paulo: Candeia, 1993. P. 124

¹⁷⁷ SCALERCIO, M.; *Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003. P. 287.

¹⁷⁸ Idem, Ibidem.

que os palestinos são prejudicados com a falta de qualidade de mão de obra em um tempo em que o mercado está tão concorrido.

“Em primeiro lugar, devemos lembrar que o país em si, não existe. O que o povo palestino possui é uma autonomia relativa sobre pequenas porções desconexas dos territórios de Gaza e Cisjordânia.”¹⁷⁹

Enquanto Israel está cada vez mais rico e poderoso, devido à inteligência, perspicácia, união dos Judeus e laços cada vez mais estreitos com os Estados Unidos da América. A Palestina se torna cada vez mais lamentável para se viver. Enquanto os judeus vivem na parte rica da região, os palestinos vivem de forma miserável. Isto é facilmente visível a um visitante estrangeiro, enquanto as áreas administradas por judeus são limpas, com alto padrão, as áreas árabes lembram países miseráveis de terceiro mundo, com sujeira, algumas ruas cheirando a urina, sem falar nas áreas da faixa de Gaza, cujos escombros se parecem com as cidades europeias bombardeadas na segunda guerra mundial. Segundo ARLENE CLEMESHA¹⁸⁰ “...é a mais longa ocupação militar da história moderna”. Embora os três idiomas inglês, árabe e hebraico sejam considerados idiomas oficiais, pois toda a sinalização de trânsito é nos 3 idiomas, os Israelenses tem o hebraico como idioma oficial do estado de Israel e os palestinos o Árabe, ficando o inglês para uso dos turistas que até hoje visitam a região.

“O idioma Árabe é oficial em Israel – é usado nos debates do Parlamento, na imprensa oficial, nos selos postais, em notas do Banco do Estado, nos sinais rodoviários, nos documentos do estado – mas não é ensinado obrigatoriamente nas escolas judaicas.”¹⁸¹

Até os dias de hoje, os conflitos continuam, com os assentamentos Israelenses cada vez mais entrando nos territórios palestinos, construção de muros para dificultar o deslocamento interno dos palestinos dentro de seu próprio território e a sua ocupação desenfreada, desprezando ecologia, poluindo rios, lagos e descaracterizando Wadis¹⁸², mudando definitivamente a

¹⁷⁹ CLEMESHA, A. E. 2 . *Os últimos dos excluídos*. Caros Amigos, São Paulo, maio 2009. Pag 36

¹⁸⁰ Idem Pag 36

¹⁸¹ MARGULIES, M.; *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. p. 130

¹⁸² Leitos de rios secos, que se transformam novamente em rios por ocasião das chuvas. .

paisagem. Já fazem sete anos que não cai uma gota de chuva na região.¹⁸³ Estas mudanças estão causando dificuldades à agricultura e as atividades pastoris, exercidas pelos povos da região desde o início dos tempos.

“...os palestinos haviam construído seus povoados de forma a circundar as colinas e não dominá-las. Essa política os protegeu de ventos fortes e de condições climáticas severas. Os Israelenses, com um olho na segurança e outro na superioridade militar, tomaram os topos das colinas . É por essa razão que os assentamentos se destacam. Pode-se diferenciar, ao olhar para as colinas, um assentamento Judaico de um povoado palestino.”

184

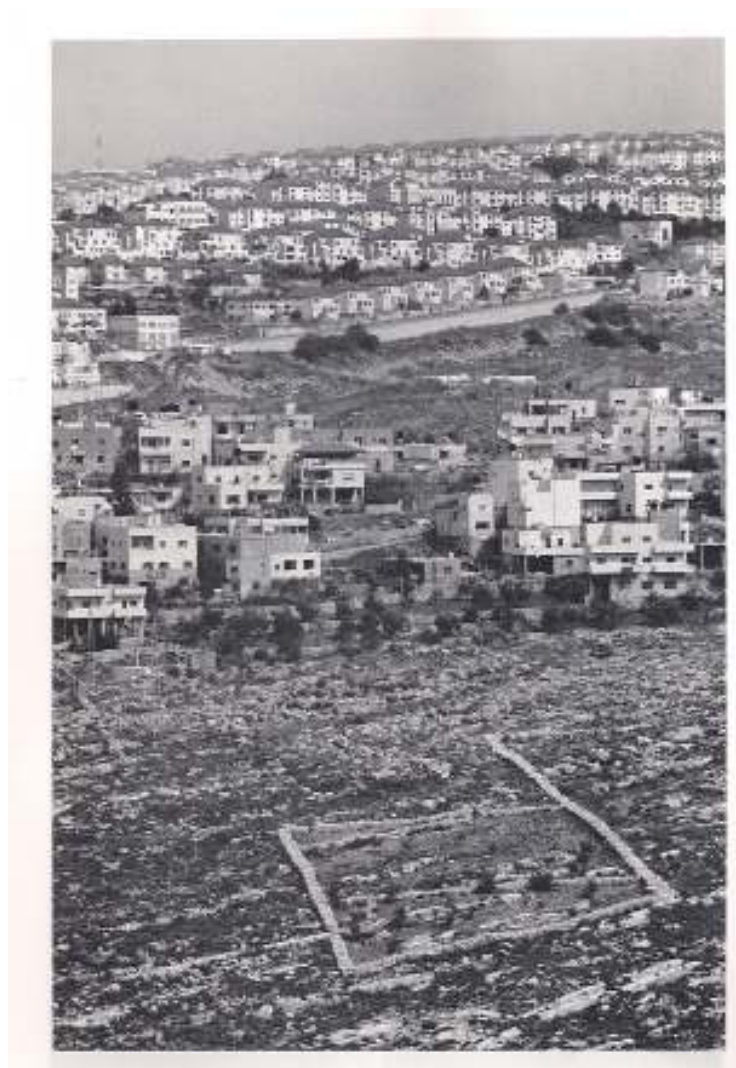


Figura 31: Povoado palestino de Nahhalin à sudoeste de Belém em primeiro plano, com o assentamento Judaico de Beitar ao fundo. O muro que separa (2007).
Fonte: SCHEHADEH, R.; *Caminhos palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009. P. 108.

¹⁸³ Referência em 14 de Dezembro de 2011. .

¹⁸⁴ SCHEHADEH, R.; *Caminhos Palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 191.

Nos dias de hoje a religião muçulmana pode ser encontrada em todos os países do mundo, incluindo o Brasil.

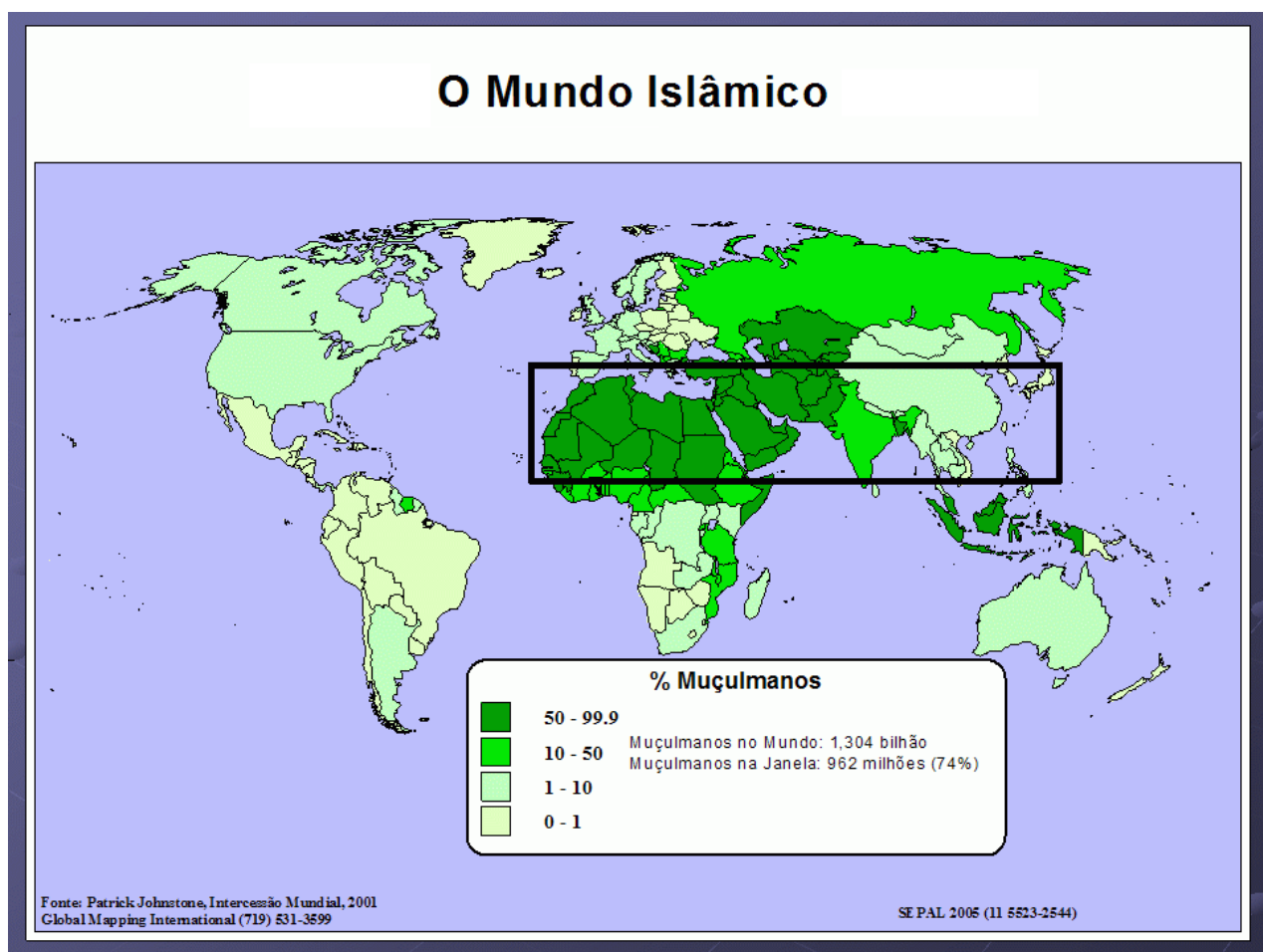


Figura 32: Avanço do islamismo no mundo – 2006.
Fonte: <http://amulhereoislam.wordpress.com/> Acesso em 26/09/2011

Em 2000, foi realizada uma estatística¹⁸⁵ que diz que no estado de Israel as religiões eram divididas em: judaísmo 77,1%, islamismo 12%, cristianismo 5,8% (católicos 2,7%, outros 3,1%), sem religião e ateísmo 4,8%, bahaísmo 0,3%¹⁸⁶. Os Árabes muçulmanos com cidadania israelense somam cerca de

¹⁸⁵ Fonte: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/dados1.htm> acesso 28/04/2013

¹⁸⁶ <http://www.pime.org.br/mundoemissao/dados1.htm> acesso em 19-09-2012.

1,2 milhões de pessoas, em sua maioria, sunitas, e residem principalmente em pequenas cidades e aldeias, mais da metade deles no norte do país¹⁸⁷.

O processo de imigração continua sendo um processo contínuo, com o apoio recente do governo Brasileiro em receber refugiados e também o apoio de entidades como a Confederação Única dos Trabalhadores (CUT), na luta para um estado palestino.



Figura 33: Adesivo distribuído pela CUT em apoio à criação do Estado palestino.
Fonte: Acervo do autor.

Devido ao radicalismo de minorias, a situação do conflito do Oriente Médio ainda está longe de uma solução.

F I M

¹⁸⁷ Não é da intenção deste trabalho, focar na religião, no entanto, não há como deixar de usar a religião como meio para explicar algumas situações que o autor considera importantes, principalmente o Islamismo que é a religião da maioria Árabe.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

BÍBLIA. Português. Tradução Ecumênica Trad. do Grupo Ecumênico do Brasil. São Paulo: Loyola, 1996

CHALITA, Mansour: *O Alcorão (tradução)* Rio de Janeiro: Associação Cultural internacional Gibran.

HAMID, Sônia Cristina. *Ser Palestina no Brasil: memórias de guerra, experiências do gênero*. Brasília. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade de Brasília (UnB). Obtido em www.cnpq.br/premios/ig+genero_4/agraciada_sonia_hamid.doc.

JARDIM, Denise. Fagundes. *Os Imigrantes palestinos na América Latina*. Estudos Avançados vol. 20 no 57, São Paulo May/Aug 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40142006000200013&script=sci_arttext.

JARDIM, Denise Fagundes. *Chuí: identidade étnica e a recriação das tradições palestinas*. Disponível em: <http://www.etni-cidade.net/chui-identidade-etnica-e-a-recriacao-das-tradicoes-palestinas/> acesso em 03/03/20013

NAKASHIMA, Henry Albert Yukio. *AD-DIN FI QULUB O ISLAM EM SÃO PAULO (1950-1980)* – Dissertação de Mestrado defendida na PUC SP, 2012.

PETERS Roberta: *Imigrantes palestinos, Família Árabes: Um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento*. Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, março de 2006.

2. Bibliografia

ALI, Tariq. *Confronto de Fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002

ARRAES FILHO, Manoel Ricardo. *História, memória e deserto: Os soldados brasileiros do batalhão de suez (1957-1967)*. Tese de Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. (2009)

ATTANTAWI, Ali. *Apresentação Geral da Religião do Islam*. São Paulo: Orgrafic, 2000.

BATISTA, Marta Rossetti/GRAF, Márcia Elisa de Campos. *Cidades Brasileiras II políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo: São Paulo IEB-USP, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, a arte da política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDER, Nilton. *Tirando os sapatos – O Caminho de Abraão, um caminho para o outro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

BOTELHO, André / SCHWARTZ, Lilian Moritz (Orgs). *Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

BRENER, Jayme. *Ferida aberta: o oriente médio e a nova ordem mundial*. Ed. São Paulo: Atual, 1995.

CATTAN, Henry. *A Palestina e o direito internacional: aspectos jurídicos do conflito Árabe-israelense*. Curitiba: Grafipar, s.d.

CERFAZ, Torá: *A Lei de Moisés*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1962.

CLEMESHA, A. E. 1 . *Uma educação para preservar a identidade*. Biblioteca Entre Livros, São Paulo, p. 36 - 41, 01 mar. 2006.

CLEMESHA, A. E. 2 . *Os últimos dos excluídos*. Caros Amigos, São Paulo, p. 14 - 15, 01 maio 2009.

CLEMESHA, A. E. 3 . *Arab Immigration in Brazil*. Aljazeera Studies, Doha, Catar, p. 1 - 10, 12 jan. 2010.

COELHO, Nuno; KERSHAW, Adam. *Uma terra sem gente para gente sem terra*. Guimarães – Portugal: Rocha Artes Gráficas, 2009.

DEMANT, Peter; *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2008

DOLAN, David. *Guerra santa para terra prometida: a luta de Israel para sobreviver no Oriente Médio*. São Paulo: Candeia, 1993.

DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullo (org.). *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FAYEZ, Ahmed, Sayegh, Fayes A. *Sionismo na Palestina*. Rio de Janeiro: Delegação da liga dos Estados Árabes, 1969.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV 2006.

FISK, Robert. *Pobre Nação: As Guerras do Líbano Século XX*, Tradução Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREDIANI, Andrea. *Jerusalém: As Páginas mais sanguinárias da História da Cristandade*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

GATTAZ, André. *A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel a Nova Intifada*. São Paulo: Usina dos Livros. 2002.

GRESH, Alain. *Israel, Palestina: Verdades sobre um Conflito*. São Paulo: Campo das Letras. 2002.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O Cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: Cem anos de reflexão*. São Paulo: Cone Editora, 1985.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HILLS, Ken. *As Guerras Árabe-israelenses*. São Paulo: Ática, 1992.

HOURANI, Albert Habib. *A History of the Arab People*: Warner Books; Reprint. edition, 1992.

HOURANI, Albert; *O Pensamento Árabe na era liberal 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOURANI, Fayek S. *Daily Bread for your Mind and Soul*: Xlibris, 2012.

IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. *Brasil 500 anos de Povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: Comentadas para trabalhos científicos*. Curitiba, Juruá, 2012.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MARGULIES, Marcos. *Os palestinos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

MEIHY, José Carlos Sebe, RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia Prático de História oral para empresas universidades comunidades famílias*. São Paulo, Contexto. 2011.

MESA, Roberto. *Palestina, fundamentos históricos e jurídicos do direito a autodeterminação do povo palestino*. Brasília: Liga dos estados Árabes, 1990.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 6 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. *Oriente médio e a questão Palestina*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

PAIVA, Odair da Cruz/Soraya Moura; *Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PAVIS, Patrice. *Análise dos espetáculos, a: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. [Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PÓVOA, Carlos Alberto. *A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Humanitas, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura; org. *O imaginário em terra conquistada: São Paulo: CERU; 1993*.

REISS, Tom: *O Orientalista Desvendando o mistério da estranha vida de Kurban Said, Rio de Janeiro, Record, 2007*.

RONDOT, Pierre. Tradução: PINHEIRO, Maria Luisa. *O Conflito Israelo-Árabe*. Lisboa: Dom Quixote, 1967.

RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

RUSSEL, Michael. *Palestine or the Holly Land From the Earliest Period to the Present Time*. Edimburgh: Amazon A-Book; 1835.

SAHD, Fabio Bacila: *Oriente médio desmistificado; fundamentalismo, terrorismo e barbárie*. Curitiba, CRV, 2011.

SAID, Edward W (1978). *Orientalismo: O Oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SALEM, Helena. *Palestinianos, os novos Judeus*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

SALEM, Helena. *Entre Árabes e Judeus: uma reportagem de vida*. Rio de Janeiro: Brasiliense-RJ, 1991.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das Águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*. São Paulo, SENAC, 2007.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e Pobreza 1890-1915*. 3ª Edição. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.

SANTOS, Maurício Silva. *Divergências atuais no oriente médio: Israelenses,*

palestinos e suas razões. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2002.

SCALERCIO, Marcio. *Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SCHEHADEH, Raja. *Caminhos palestinos*. Rio de Janeiro: Record, 2009

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Semeadores da Palavra e-books evangélicos, 2008.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2006.

SMITH, Dan. *A Atlas do oriente médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008.

SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o mundo Árabe*. São Paulo: Fissus, 2004.

SZTERLING, Silvia. *A formação de Israel e a questão Palestina*. 1ª edição, 3ª impressão. São Paulo: Ática, 2001.

TINNIN, David B.Christengen, Dag. *O esquadrão da vingança*. Rio de Janeiro: DIFEL 82, 1977.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos Bárbaros: para além do cheque das civilizações*. Petrópolis Vozes: 2010.

TREIGNIER, Michel. *Guerra e paz no oriente médio*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

URIS, Leon. *Exodus*. Estados Unidos: Doubleday & Company. 1958.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Relações Exteriores do Brasil II*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes 2009.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática 2007.

VISACRO, Alessandro: *Lawrence da Arábia*, São Paulo, Contexto, 2010

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1993.

WOLFF, Fausto. *Os palestinos Judeus da terceira guerra mundial*. São Paulo: Alfa-ômega. 1986.

ANEXO C Anúncio extraído do jornal Timoneiro de Abril de 1968.

Fonte: PETERS R.: *Imigrantes Palestinos, Família Árabes: Um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento*. Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, março de 2006. P.135. Originalmente: Biblioteca Pública de Canoas – RS.

OS FILHOS DO MUNDO ÁRABE

desejam a população canoense os melhores votos de

BOAS PÁSCOAS

Esperamos que esta data magna da Cristandade atraia em nós o amor por nossos semelhantes. E que os povos não mais permitam, que as nações mais ricas financiem a miséria, a usurpação das terras dos povos mais pobres.

PARE e LEIA

APÊLO DA CRIANÇA PALESTINA

REFUGIADOS PALESTINOS VITIMAS DO SIONISMO



O problema da Palestina é uma das mais dolorosas tragédias dos tempos modernos. Fora mesmo do seu aspecto político, e acima dele, isto é o drama humano de 1.500.000 de refugiados, expulsos de suas lares e terras, pela força o violência e sem nenhuma culpa por parte deles, se justificam por parte de seus espoliadores. Essa massa de mais de um milhão de criaturas vive hoje em condições terríveis de miséria e sofrimento, em sórdidos acampamentos e tendas, nos países vizinhos, a custo da caridade internacional que, não dá o mínimo indispensável a sua sobrevivência. As mulheres e crianças são as maiores vítimas desta monstruosa espoliação. A foto, anexada, de uma caravana de refugiados, é um quadro fiel de seus sofrimentos e da sua cruel desam-

ANEXO D Autorizações das Entrevistas

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

1. Pelo presente documento VICTOR GEORGE STOCKUNAS,
nacionalidade BRASILEIRA, estado civil, CASADO,
profissão EMISARIO, carteira de identidade nº. 7576847,
data de nascimento 11/6/55, residente e domiciliado em ALACRIZ
COND. MINA, 158 - SANTANA DE PANAÍRA - SP

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP a totalidade dos seus direitos
patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 29/10/2011

na cidade de SANTANA DE PANAÍRA perante o pesquisador:

Ailton José do Amaral

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o
Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este
termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o
referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer
utilização.
3. Fica pois a PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP
plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou
integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam
o presente documento de 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

SANTANA DE PANAÍRA, 29/10/2011

Local e data

Victor George Stockunas

Cedente

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

Instituição

Testemunhas:

Victor George Stockunas Junior
Nome

Norma B.R. do Amaral
Nome

CPF: 400.549.738-13

CPF: 377.230.387-49

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

1. Pelo presente documento APARÍCIO MARIA ZANCHIN AZE,
nacionalidade BRASILEIRA, estado civil, CASADO,
profissão DO CA, carteira de identidade nº. 8.618.034.4.
data de nascimento 28/10/1910, residente e domiciliado em RUA
PARRU, 278 - VILA ALPINA - SP. CAPITAL

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP a totalidade dos seus direitos
patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 06/11/2011

na cidade de SÃO PAULO - SP perante o pesquisador:

AILTON JOSÉ DO AMARAL

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o
Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este
termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o
referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer
utilização.
3. Fica pois a PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP
plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou
integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam
o presente documento de 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

SÃO PAULO, 06 DE NOVEMBRO DE 2011
Local e data

APARÍCIO MARIA ZANCHIN AZE
Cedente

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP
Instituição

Testemunhas:

VICTOR GEORGE STOCKHOS JUNIOR
Nome

LUDEMILLA AMARAL
Nome

CPF: 400.549.738-13

CPF: 369.502.598-54

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

1. Pelo presente documento Abdul Fattah Abdul Hamid Hassan Abdul Aziz
nacionalidade PAQUISESIA, estado civil, CASADO,
profissão COMERCIANTE, carteira de identidade nº. RI-2523942,
data de nascimento 19/09/1931, residente e domiciliado em Rua
Panamá 278 - Vila Arlinda - São Paulo - SP - CEP - 04

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP a totalidade dos seus direitos
patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 06/11/2011

na cidade de São Paulo - SP perante o pesquisador:

Alizon José do Amaral

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o
Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este
termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o
referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer
utilização.
3. Fica pois a PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP
plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou
integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam
o presente documento de 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

São Paulo, 06 de Novembro de 2011

Local e data

Abdul Fattah Abdul Hamid Hassan Abdul Aziz

Cedente

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

Instituição

Testemunhas:

Victor George Stockmeyer Junior
Nome

Ludmilla Amaral
Nome

CPF: 400.549.738-13

CPF: 369.504.598-54